

Filozofická fakulta Univerzity Palackého v Olomouci

Katedra romanistiky

Studijní rok 2021/2022

MAGISTERSKÁ DIPLOMOVÁ PRÁCE
PORTUGALSKÁ FILOLOGIE

A literatura marginalizada emergida nas favelas do Rio de Janeiro
Marginalised literature emerged in the slums of Rio de Janeiro

Bc. Caïssa Enkt

Vedoucí práce: PhDr. Zuzana Burianová, PhD.

Olomouc 2022

Prohlášení 

Prohlašuji, že jsem svou magisterskou diplomovou práci vypracovala samostatně pod odborným vedením PhDr. Zuzany Burianové, Ph.D. a že jsem v ní uvedla veškerou použitou literaturu a ostatní zdroje.

V Olomouci dne

Podpis

Poděkování

V první řadě bych chtěla poděkovat PhDr. Zuzaně Burianové, PhD., za její odborné vedení, cenné rady a připomínky při vedení této práce. Mimo to jí patří velké díky za všechna léta strávená na katedře romanistiky, kde mě od první společné hodiny nadchla pro Brazílii, její kulturu a literaturu, které bude věnována tato diplomová práce.

Velké díky patří také všem ostatním vyučujícím z portugalistiky, kteří se neodmyslitelně podíleli na prohloubení mých oborových znalostí a rozvinutí lásky k lusofonnímu světu.

Dále děkuji celé své rodině – mamince Renatě, babičce Paulině, sestře Briseis a Frankovi za bezmeznou podporu, důvěru a trpělivost, které mi poskytovali po celou délku studia a bez kterých by to nebylo možné.

Poslední dík patří mému partnerovi Danielovi, který mi byl velkou oporou v průběhu psaní.

Caïssa Enkt

Índice

INTRODUÇÃO	5
1 A EVOLUÇÃO DAS FAVELAS CARIOCAS	7
1.1 DELIMITAÇÃO HISTÓRICA	7
1.2 SITUAÇÃO ATUAL: NOMENCLATURA, POLÍTICAS PÚBLICAS, CONFLITOS E INCLUSÃO SOCIAL	10
2 A REPRESENTAÇÃO DA FAVELA NA LITERATURA BRASILEIRA	14
2.1 DESDE O SÉC. XIX ATÉ À SEGUNDA METADE DO SÉC. XX.....	14
2.2 LITERATURA MARGINAL/PERIFÉRICA	16
2.3 LITERATURA PERIFÉRICA NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO	20
3 ANÁLISE LITERÁRIA	24
3.1 A COLETÂNEA DE CONTOS <i>O SOL NA CABEÇA</i>	25
, DE GEOVANI MARTINS	25
3.1.1 Informações sobre o autor e a obra	25
3.1.2 Análise temática	27
3.1.3 Linguagem	30
3.2 O ROMANCE <i>FIEL</i> , DE JESSÉ ANDARILHO.....	35
3.2.1 Informações sobre o autor e a obra	35
3.2.2 Análise temática	37
3.2.3 Linguagem	44
3.3 <i>O LIVREIRO DO ALEMÃO</i> , DE OTÁVIO JÚNIOR	47
3.3.1 Informações sobre o autor e a obra	47
3.3.2 Análise temática	49
3.3.3 Linguagem	53
3.4 TRAÇOS COMUNS PRESENTES NAS OBRAS <i>O SOL NA CABEÇA</i> , <i>FIEL</i> , <i>O LIVREIRO DO ALEMÃO</i>	56
3.4.1 Época do surgimento	56
3.4.2 Representação do território da favela carioca.....	57
3.4.3 O tema da violência urbana	58
3.4.4 O tema da educação	59
3.4.5 Uso de uma linguagem específica	61
4 CONCLUSÃO	62
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	66
ANOTAÇÃO EM PORTUGUÊS	72
ANNOTATION IN ENGLISH	73

Introdução

Desde o início do novo milênio tem sido observada uma ascensão de escritores brasileiros que vêm de favelas e outros contextos urbanos marginalizados, principalmente na cidade de São Paulo. Em um país excludista como o Brasil é, este é um passo importante para trazer a numerosa parte da população marginalizada à luz, finalmente dar voz a ela e também espaço para ser incluída no patrimônio cultural escrito. Em sua base, esta nova literatura marginalizada age como um movimento cultural importante em um contexto político e social mais amplo dos espaços urbanos. O seu objetivo é apontar aos atuais problemas de pobreza, exclusão ou violência, entre outros problemas relacionados às regiões e às camadas sociais desfavorecidas. Assim, o foco deste trabalho não será uma análise de uma literatura urbana mais comumente abordada em pesquisas acadêmicas, em vez disso será a de uma literatura produzida na margem em si.

O trabalho é dividido em três partes. No início, vamos introduzir o processo histórico da evolução das favelas na cidade do Rio de Janeiro, as suas particularidades e problemas principais. Apresentaremos uma discussão sobre a nomenclatura variada e, no último momento do primeiro capítulo, será introduzida a situação atual e algumas das políticas públicas dessas regiões.

Seguidamente, vamos prosseguir à favela inserida no campo literário. Primeiro, vai ser introduzido um panorama cronológico da representação da favela dentro da literatura brasileira, desde as primeiras menções no romantismo, até ao surgimento da literatura marginal, na década de 1990. Depois, vai ser apresentado este novo fenômeno da literatura marginal, suas características, a problemática da definição, junto com a discussão sobre a sua posição dentro do campo literário. Além disso, serão introduzidos os representantes principais desta tendência desde o início do novo milênio até a contemporaneidade. Para concluir esta parte, vamos apresentar a produção periférica atual na cidade do Rio de Janeiro.

Na última parte do trabalho, vamos prosseguir a três obras literárias que escolhemos para a análise, produzidas por três autores oriundos das periferias da capital carioca. Vamos apresentar a origem destes autores e os diferentes contextos marginalizados em que as obras foram escritas. Concretamente, vamos focar na coletânea dos contos *O sol na cabeça* (2018), de Geovani Martins, depois no romance *Fiel* (2014), de Jessé Andarilho e, ultimamente, no

livro autobiográfico *O livreiro do Alemão* (2011), de Otávio Junior. Na análise, vamos abordar os temas presentes e a linguagem utilizada nestas obras.

No final do capítulo, vamos apresentar os principais traços que as obras têm em comum e vamos observar como estes se manifestam nas obras. Haverá um enfoque na questão do território, da violência, da educação e da linguagem.

Uma das principais razões para a escolha do tema de minha tese de mestrado foram minhas visitas e estadias na cidade do Rio de Janeiro, um lugar muito querido por mim. Ao invés de passar todo o tempo exclusivamente nos principais pontos turísticos, eu tinha um interesse mais profundo em conhecer lugares que não são valorizados da mesma forma: as favelas. Desde o primeiro dia, fiquei profundamente emocionada pelo número de mendigos que estavam pelo centro e pela Zona Sul, negligenciados por todos. Durante o tempo passado na cidade, conversei com muitos deles para descobrir que, em muitos casos, a principal diferença que separava os favelados das pessoas que viviam em prédios com segurança era simplesmente a zona onde nasceram, determinando toda a sua vida. Tive várias oportunidades para visitar algumas favelas e, surpreendentemente, encontrei na maioria das vezes pessoas amáveis, hospitaleiras, muito trabalhadoras que viviam em lugares que mal podiam ser chamados de casas. A extensão destas regiões desfavorecidas e o número da sua população é tão grande que eu me apercebia de quantas pessoas talentosas, porém, sem possibilidades de desenvolver seu potencial intelectual e criativo, devia haver nessas regiões. Até hoje, relembro estas experiências vivenciadas, que eram justamente de uma turista privilegiada que via de fora aquela realidade. A partir dessas experiências, o meu interesse nesta problemática tem aumentado. O que me ajudava a aproximar-me mais daquela realidade eram os estudos e a literatura. Portanto, decidi fazer uma pesquisa sobre a literatura periférica com um foco na cidade do Rio de Janeiro, e, de uma forma simbólica, contribuir para dar voz a essas pessoas e reduzir as diferenças entre os pobres e os ricos. Logo, encontrei alguns escritores oriundos das periferias, aspirantes e talentosos, em sua maioria não descobertos, que todos têm histórias para compartilhar com o mundo. Eles merecem e deveriam ter uma chance para apresentarem ao público maior o seu ambiente, inseparável da realidade brasileira, e para serem lidos e valorizados da mesma forma como são os clássicos da literatura brasileira, como Machado de Assis, João Guimarães Rosa ou Clarice Lispector, já que só o talento deveria ser julgado.

1 A evolução das favelas cariocas

O presente capítulo tem como objetivo investigar os fatores históricos em torno da consolidação das favelas no Rio de Janeiro, concebidas como moradia, espaço de cultura e de mobilização social. Pretendemos expor os antecedentes históricos que originaram a constituição das favelas, mencionando os cortiços, até esboçar a situação atual na cidade do Rio de Janeiro. Este capítulo estrutura-se em duas subseções em que se dá ênfase na verificação da formação histórica e na apresentação da complexidade da nomenclatura e das políticas públicas atuais.

1.1 Delimitação histórica

O transcurso de favelização do Rio de Janeiro ocorre na história do Estado desde o fim do século XIX, quando a questão da segregação socioespacial da população de baixa renda se coloca como elemento essencial na mensuração da modernização do espaço urbano, desde um viés capitalista e excludista. Esse território começa a ser ocupado com ênfase na separação dos espaços formais, que detêm acesso à infraestrutura urbana, e dos espaços relegados à população pobre, sem acesso aos serviços públicos do Estado, como acentuam Ronco e Leão (2018, p. 114).

Sobre as favelas, consideradas na época um mundo rural dentro das cidades, temos as primeiras menções desde a segunda década do século XIX (Valladares, 2005, p. 33). Especialmente no Rio de Janeiro, observamos o interesse em analisar o panorama urbano e detalhar as características dos cortiços, que são vilas com pouco acesso a infraestrutura, também consideradas como germe das favelas. Estas vilas eram vistas como o centro da pobreza e como a moradia de vagabundos e malandros e demais pessoas consideradas a parcela “perigosa da sociedade”, ou seja, a parcela que representaria ameaça a outros grupos sociais (Valladares, 2005, p. 39-40).

Em vista da noção de que os cortiços eram locais de enfermidades, vagabundagem e crime, logo se aprovaram normas para impedir novas construções. Como aponta Valladares, em 1893 foi destruído, pela administração pública de Cândido Barata Ribeiro, um dos mais importantes e maiores cortiços, chamado o Cabeça de Porco. A sua liquidação assim aconteceu alguns anos antes da Reforma Urbana de Pereira de Passos, que foi uma

intervenção sanitária nestes locais pobres, datada entre os anos 1902 e 1906 (Ferreira da Silva, 2019, p. 409). Esta intervenção acabou com muitas outras habitações populares (Valladares, 2005, p. 24).

Depois da destruição do Cabeça de Porco se expande a ocupação dos morros da cidade. Assim se constitui, em 1897, o próximo Morro da Providência, estruturado com a mesma forma de barracos e habitações precárias, que passa a ser conhecido como Morro da Favella, por sua associação com a Guerra de Canudos¹ (Valladares, 2005, p. 47). Neste lugar passam a viver antigos combatentes da guerra, que provavelmente começaram a chamar o morro segundo a planta *favela* (lat. *Cnidocolus quercifolius*) que era típica da região de Canudos (Valladares 2005, p. 26). Na época, começa a extensão do nome “favela”, referindo-se a toda a aglomeração de barracos sem acesso aos serviços públicos e delimitação de ruas, que se multiplicavam no Centro, Zona Sul e Norte do Rio (Valladares 2005, p. 26).

Na época do governo do presidente Vargas, marcada pela industrialização e pelo crescimento econômico do país, a segregação social e territorial das favelas aumentou (Toledo, 2019, p. 02). As favelas começaram a ser vistas como um problema para ser resolvido. Expõe-se uma hipótese acerca da formação das favelas, relacionando-as com as dificuldades de transporte acessível ou de moradias perto dos locais de trabalho da população. Desse modo, as favelas constituíram uma solução de emergência para a população carioca, não figurando como um resultado do acaso, mas de determinantes sociais e econômicos (Gonçalves, 2020, p. 07).

Isso levou assim à destruição desses locais. Em 1933, o governo foi "apelado a tomar uma ação urgente, já que as favelas eram vistas como um problema urbano que retardava o progresso da modernização” (Lopes Bittencourt, 2012, p. 22). Isso levou à destruição desses locais.

Simultaneamente, desde a década de 1930, os habitantes dos morros cariocas começaram a criar alianças e comissões com os moradores das zonas rurais, e começaram a engajar-se politicamente em lutas sociais pela qualidade de vida. Os seus objetivos eram permanecer em suas moradias bem como obter melhores condições de vida nessas áreas, como infraestrutura, equipamentos sanitários básicos, instituições educacionais, etc. (Lopes Bittencourt, 2012, p. 9-12).

¹ Canudos era uma pequena aldeia autossuficiente e pacífica no interior do estado da Bahia, dirigida por Antônio Conselheiro, que foi massacrada e destruída pela milícia da nova República nos anos noventa do século 19. (Monteiro, 2009).

As favelas também ganharam mais interesse e debate na sociedade e tornaram-se alvo de vários estudos realizados por pesquisadores de múltiplas áreas. Esses estudos tentaram identificar o que as favelas realmente eram e dar-lhes uma definição. O Plano Urbanístico do Rio de Janeiro de 1930, realizado pelo arquiteto francês Alfred Agache, já delineava um conceito preliminar de favela, expondo esse termo como sinônimo de “barraca provisória”. Nesse viés, a favela constituiria um tipo de cidades-satélites com formação espontânea, preferencialmente construída no alto dos morros (Gonçalves, 2020, p. 03).

O conceito de “favela” coloca-se no léxico carioca desde 1937, na nomenclatura que se encontra na promulgação do *Código de Obras*, emitido no mesmo ano. Com esse documento, as favelas passam a deter uma noção jurídica que os define, de forma oficial, como os espaços específicos da cidade (Gonçalves, 2020, p. 02).

O governo iniciou um processo de remoção das favelas pois eram consideradas uma mancha na beleza da "Cidade Maravilhosa". O chefe do Serviço Social da Secretaria Geral da Saúde e Assistência, Victor Tavares da Moura, começou a buscar uma solução para o "problema das favelas", que foi lançado em 1940 com o nome de "Esboço para um plano para estudo e solução do problema das favelas do Rio de Janeiro". Esta iniciativa da Prefeitura do Distrito Federal propôs a substituição destes locais por "habitações higienistas", o que levou à destruição das favelas localizadas na Zona Sul do Rio de Janeiro e, posteriormente, à construção dos Parques Proletários Provisórios, onde eram construídas habitações para deslocar os moradores dos morros. Esses parques eram considerados como a primeira política habitacional do governo para a população de baixa renda, e eram aproveitados pela propaganda política de Getúlio Vargas que proclamava um "iminente fim das favelas". (Lopes Bittencourt, 2012, p. 24-28)

Junto com estas tendências, começaram a aumentar representações negativas das favelas e daqueles que vivem nela, principalmente em vista das teorias de marginalidade e de violência social, que estavam em voga no início da década de 1950 (Gonçalves, 2020, p. 07). Após o censo de 1950, Alberto Passos Guimarães da Divisão Técnica do Serviço Nacional de Censos introduziu uma abordagem complexa da problemática das favelas, caracterizando o termo *favela* e o processo de sua remoção pelo seguinte:

...no conceito popular, no consenso comum, os núcleos de habitações pobres começam a ser considerados favelas quando se

condensam e se comprimem, e que assim não se consideram aqueles núcleos quando ainda esparsos, constituídos embora de casebres do mesmo tipo (Guimarães, 1953, p. 254).

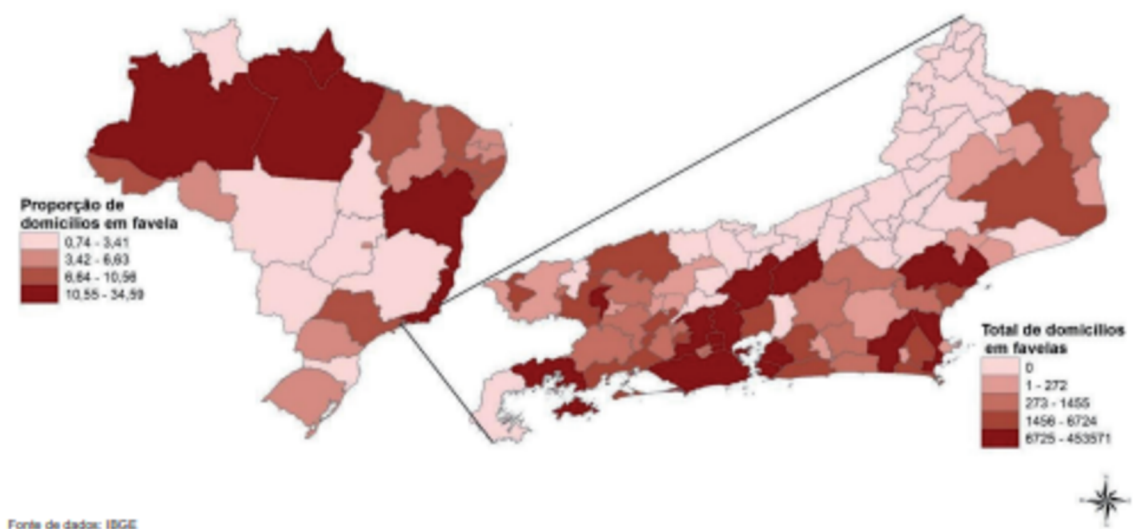
Na sua pesquisa, que foi lançada em 1953, Guimarães chegou à conclusão de que a maioria desses bairros pobres estava suficientemente deslocada, para não serem considerados um fator perturbador, nem . Eles também não representavam um lugar que pudesse interessar as agências imobiliárias como espaço de urbanização. A respeito disso, Guimarães limitou o entendimento de favelas apenas aos locais de morros, e disse que a extinção das favelas nestes terrenos tinha por trás outras ambições ocultas, como o aperfeiçoamento da paisagem, o que, em seu ponto de vista, não era motivo suficientemente forte para remover 170.000 pessoas (Lopes Bittencourt, 2012, p. 34-36).

Ao longo da segunda metade do século XX, as favelas no Rio de Janeiro cresciam com a recepção cada vez maior de habitantes, ainda que os espaços precários e provisórios de habitação tendessem simultaneamente a desaparecer por causa das políticas higienistas comandadas por vários governos da cidade do Rio de Janeiro.

1.2 Situação atual: nomenclatura, políticas públicas, conflitos e inclusão social

No quadro abaixo podemos observar a distribuição dos domicílios em favelas no Brasil, com destaque para o Rio de Janeiro, no ano de 2019:

Figura 1 – Proporção de domicílios em favelas por estado e regiões, com destaque para o Rio de Janeiro – Brasil, 2019



Fonte: Lima et al, 2021, p. 112.

Neste mapa, podemos ver que as regiões brasileiras com o número maior de domicílios em favelas são o Norte e o Nordeste, que são de fato as regiões menos desenvolvidas do país. Em relação ao Rio de Janeiro podemos observar que mais de uma metade da metrópole vive em domicílios em favela. Além das zonas afastadas dentro da grande metrópole, estes domicílios encontram-se também, curiosamente, seja dentro seja ao redor da Zona Sul, situada na beira-mar, que, simultaneamente, é o bairro mais próspero da cidade.

Existe uma problemática da terminologia com que se faz referência às zonas que estão historicamente excluídas, entre as quais se destacando-se nela os termos *favela*, *comunidade*, *complexo*, *localidade* ou *bairro*. Esses termos tendem referir-se a uma região historicamente estruturada, que demarca a clivagem entre os espaços marginalizados e o resto da cidade. Tais conceitos apontam a este espaço como uma espécie de construção e ocupação urbana, de viés irregular, que foge dos padrões de racionalidade arquitetônica e que pode ser disposta como moradia ilegal, relacionada à expansão de pobreza e à falta de solução dos problemas sociais. Um fato curioso é que nenhuma das regiões pesquisadas usa nem oficialmente, nem entre os moradores, o termo *favela* como identificação do espaço que habitam (Fernandes & Costa, 2009, p. 35-37).

Segundo Fernandes e Costa (2009, p. 36), além da *favela*, um outro importante conceito, utilizado no Rio de Janeiro para designar determinados conjuntos de moradias é *complexo*. Esse termo é empregado, por exemplo, na designação dos bairros da Maré e do Alemão, vistos como regiões próximas e com um viés histórico parecido. Este termo é usado principalmente no contacto oficial dos seus habitantes com os poderes públicos, em vez do uso da expressão pejorativa *favela*. Os dois autores também afirmam que o conceito *complexo* costuma ser associado com o crescimento do tráfico nesses lugares, especialmente desde os tempos que passou a ser usado pela polícia para mapear as zonas de venda de drogas pelos comandos ou facções criminosas.

Tomando como exemplo o bairro de Manguinhos no Rio de Janeiro, entre outras favelas da região, verifica-se a preferência na utilização do termo *comunidade*, principalmente pelos próprios moradores, que não reconhecem a comunidade como uma espécie de *bairro*, ou seja, como um espaço social e geográfico da cidade. (Fernandes & Costa, 2009, p. 35-37).

Como afirma Toledo, de acordo com o *Dicionário de língua portuguesa Aurélio*, por favela compreende-se um “conjunto de habitações toscas e miseráveis, geralmente em morros e onde habita gente pobre” (2019, p. 03). Nesta definição, parece que os moradores pobres são considerados como culpáveis por sua pobreza. A definição evita mencionar os fatores que

contribuíram a estas condições das habitações, como principalmente a falta do apoio do Estado.

Na favela, observa-se a ausência de políticas públicas, ausência de infraestrutura essencial como saneamento básico, e ausência do acesso à saúde e à educação, que figuram no art. 6 da Constituição Federal.

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística demarca a favela como um aglomerado subnormal que engloba um conjunto de no mínimo 51 unidades habitacionais. Habitantes de uma favela não detem o título de propriedade e as habitações são caracterizadas por uma irregularidade quanto às vias de circulação e pela dificuldade de acesso a serviços públicos essenciais (Toledo, 2019, p. 02). Ou seja, as habitações não são devidamente regularizadas e não tem escrituras.

Outra problemática das favelas dá-se pelo processo de favelização, tendo por um lado grupos dominantes que possuem interesse em afastar determinados segmentos sociais para zonas periféricas. Na Zona Oeste e na Baixada Fluminense, há um problema dos transportes urbanos, porque a expansão da ferroviária nestas zonas levou à ocupação desses espaços por grupos de baixa renda. Já no Centro e na Zona Sul, essa ocupação pelas classes marginais dá-se nos espaços dos morros, não abarcados pela especulação imobiliária em vista de suas especificidades topográficas (Ronco, Leão, 2018, p. 114).

As questões urbanísticas, habitacionais, ambientais e sociais, que são relacionadas aos ambientes de exclusão social e à violência urbana, são importantes para a análise das comunidades populares. Nas últimas décadas surgiram estudos sobre a problemática de conflitos, paz social e políticas públicas nestas zonas, expondo como elas figuram, envolvendo problemas como a criminalidade, conflitos com as forças policiais, o comércio ilegal de drogas, e outros. Neste quadro é necessário considerar as políticas habitacionais, processos de ocupação e invasão dos morros, entre outros (Fernandes & Costa, 2009, p. 28).

No que se refere à visão das pessoas de fora sobre as favelas, Pandolfi e Grynszpan (2003, p. 146) apontam, que estas pessoas não pensam sobre os moradores das favelas e dos bairros populares como pessoas honestas e trabalhadoras, em vez disso, generalizam os habitantes da favela pela alcunha de “bandidos”. O que não é considerado é a desigualdade, relacionada com a já mencionada ausência das políticas públicas asseguradas pelo Estado. O número de habitantes pobres cresceu durante o período de industrialização na época do governo militar. Entretanto, verificou-se que os habitantes das favelas não eram perigosos ou criminosos,

como referia na época da industrialização a burguesia carioca, mas eram pessoas trabalhadoras, que viviam excluídas nas condições desfavoráveis nesses locais, expostas à pobreza e à exclusão social (Toledo, 2019, p. 02, 7-8).

Um fenômeno importante que podemos observar nos últimos anos é o desenvolvimento do chamado turismo nesta região. Os visitantes que vêm às favelas, porém, podem observar a favela como um produto, esquecendo-se que os indivíduos que a integram são sujeitos de direitos e prerrogativas, como aponta Bottino:

Ninguém jamais poderia imaginar que as desprezíveis visitas ao morro da favela de 1920, dariam origem ao turismo de massa que hoje, em 2016, leva milhares de turistas às favelas cariocas. Mas há quem acredite que tudo isso pode acabar se o programa de pacificação das favelas fracassar. Ainda assim, é importante ressaltar que o turismo surgiu bem antes da implantação desse projeto, que admitimos ter colaborado para a consolidação da favela como produto, porém, os conflitos internos e a violência urbana ainda têm uma forte influência na demanda turística (Bottino, 2016, p. 47).

Ressalta-se que os habitantes das 1.018 favelas representam 22% da população municipal da cidade do Rio de Janeiro. A maioria dessa população tem a sua vida demarcada por precarização, marginalização e confinamento dos seus territórios geográficos e pela fragilidade da paz social. Verifica-se nelas a ausência de políticas públicas, o convívio com o comércio ilegal de drogas, o elevado armamento, a imposição das milícias policiais, com as suas operações, que levam a conflitos armados e ao uso de violência. Até hoje em dia existe uma desconfiança e um preconceito geral daqueles que residem fora das comunidades, , tratando-se do problema que ainda vai levar muito tempo para ser resolvido (Lima et al, 2021, p. 117).

2 A representação da favela na literatura brasileira

O objetivo central deste capítulo é analisar e desenvolver o tema da representação das favelas na literatura brasileira, bem como abordar a questão da inclusão dessa nova forma de arte na sociedade. Propõe-se, assim, uma apresentação de um panorama cronológico desde as primeiras menções das favelas na literatura brasileira até os dias de hoje. Em seguida, será discutida a problemática do termo “literatura marginal”, introduzindo seus maiores representantes e atividades de caráter sócio-cultural. Por fim, haverá um enfoque na literatura marginalizada produzida na cidade do Rio de Janeiro.

2.1 Desde o séc. XIX até à segunda metade do séc. XX

A representação da favela na literatura não é um fenômeno completamente novo, data-se desde o século XIX. Até as últimas décadas do século XX este tipo de literatura não recebia, porém, muita atenção nem do público nem dos escritores.

A literatura produzida no Brasil no período colonial era fortemente influenciada pelas estéticas europeias e com algumas exceções, como foi a poesia de Gregório de Matos, evitava retratar os ambientes pobres das cidades. Uma mudança nesta tendência apareceu durante o movimento romântico, em meados do século XIX. O primeiro livro em que aparece a tentativa de descrever um espaço marginalizado, no ambiente carioca, foi *Memórias de um sargento de milícias*, escrito por Manuel Antônio de Almeida, publicado inicialmente em folhetim em 1954. Contrastando com outras obras da época, esta obra apresenta, pela primeira vez, um herói-malandro da periferia, a partir do qual, posteriormente, será construído um protótipo literário brasileiro, muitas vezes representando uma personagem das classes sociais desfavorecidas (Botton, 2019, p. 36).

Logo depois, na década de 80, os movimentos de realismo e naturalismo entram no campo literário, introduzindo, entre outros, a temática social, uma análise objetiva e uma linguagem coloquial. Desta época, ressalta-se a obra *O cortiço*, do escritor maranhense Aluísio Azevedo, publicada em 1890 e considerada a primeira verdadeira representação da literatura marginal. O livro retrata, em linha secundária, a vida cotidiana dos grupos sociais marginalizados na capital, enquanto o protagonista do livro é um cortiço, o antecedente da

favela. A história relata a ascensão do dono do cortiço João Romão, através da exploração dos seus empregados e da sua amante (Botton, 2019, p. 37-38).

Nos primeiros anos do século XX surge a obra de Lima Barreto, o primeiro “autor a escrever da periferia para a periferia urbana brasileira” (Botton, 2019, p. 42). Esse escritor pré-modernista de descendência negra carioca é considerado o “pai” da literatura periférica escrita a partir da periferia. Em sua obra, ele apresenta áreas pobres e inexploradas até esse tempo na literatura. Uma das suas narrativas principais, *Triste fim de Policarpo Quaresma* (1915), mostra ao leitor burguês, com severas críticas à sociedade da época, a realidade e a injustiça em que vivia a população carioca desfavorecida, suscitando ferventes discussões na sociedade (Botton, 2019, p. 42). Além disso, é retratada a corrupção e a alienação das classes mais favorecidas.

No ano do início do modernismo, em 1922, o autor Ortes Barbosa publica o primeiro romance que retrata a vida dos prisioneiros, *A prisão*, uma reportagem com histórias de prisioneiros, escrita durante a detenção do autor (Botton, 2019, p. 43-44).

Em 1960 é publicado o *Quarto de Despejo*, um dos livros mais autênticos desta vertente literária, que reporta a miséria da vida nas favelas. É importante destacar o fato de que a autora, Carolina Maria de Jesus, era uma catadora de papel, que vivia na favela Candidé, em São Paulo, e que tinha apenas dois anos de ensino fundamental terminados. Mesmo assim, ela escreveu cadernos sobre sua vida humilde, as dificuldades de sustentar seus filhos, seus medos, assim como violência cometida pelas autoridades contra os habitantes das favelas, assim como pelos próprios habitantes desses locais. A escritora foi descoberta pelo jornalista Audálio Dantas que visitou a favela e publicou seus trinta e cinco cadernos manuscritos de diário como um livro. Ele deixou todos os erros ortográficos do jeito que eles eram no livro, para manter a autenticidade, que, posteriormente, levou a uma discussão sobre a própria prática da literatura (Botton, 2019, p. 44-45).

Em 1963, foi publicado um dos livros mais relevantes da literatura periférica, o livro de contos *Malagueta, Perus e Bacanaço*, de João Antônio, autor cujas origens são da zona marginalizada paulista. O livro capta o cotidiano da classe popular, trabalhadores e malandros, retratando as práticas de lazer, como os jogos de sinuca, etc (Nascimento, 2006, p. 12).

Posteriormente, durante o período do regime militar, esta nova forma de literatura, que estava em desenvolvimento, sofreu um declínio, pois obras sócio-críticas de periferias urbanas pobres começaram a ser censuradas, sendo acusadas de incitação à violência. Um exemplo de um autor censurado é Rubem Fonseca, cujas narrativas incluem personagens das margens da sociedade, como ladrões, prostitutas e detentos, e contêm muita violência, cenas obscenas e cruas. Por este motivo, a sua obra *Feliz ano novo*, de 1975, foi uma das inúmeras obras proibidas pelo governo militar (Botton, 2019, p. 38-39).

Até esse momento, com exceção de Carolina Maria de Jesus, todos os escritores que retratavam a periferia eram mais propensos a descrevê-la apenas de fora, sem saber como realmente era ser “marginal”. Isso muda quando Paulo Lins entra em cena, pois dá o marco definitivo da abertura à literatura periférica com a publicação do seu livro *Cidade de Deus*, em 1997. O livro é intitulado após uma favela carioca do mesmo nome, donde o autor é oriundo, e conhecida por sua violência, tráfico de drogas e intervenções pacificadoras da polícia. Paulo Lins participou, junto com a antropóloga Alba Zaluar, de uma pesquisa antropológica nas favelas cariocas. Nesta experiência, ele baseou o seu livro, que representa um relato vívido de um dos maiores cartéis da cidade, suas lutas pelo poder sobre a favela, bem como sobre o mercado de drogas. No romance, apresenta-se a hierarquia dos cartéis, a vida de seus donos e suas relações com os traficantes de drogas. Ganhou vários prêmios e atraiu um grande interesse do público e da crítica, abrindo discussões sobre a temática de favelas (Botton, 2019, p. 45-46).

2.2 Literatura marginal/periférica

O conceito de literatura é problemático, pois faltam normas que definem o que merece ser considerado literário e o que não. Isso se torna ainda mais difícil com a literatura contemporânea. O crítico literário Antonio Candido, no seu ensaio *O direito à literatura*, propõe seu ponto de vista sobre o que é a literatura, destacando a importância da sua existência na vida das pessoas. Para ele, a literatura significa:

...todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações (Candido, 1988, p. 176).

Na sua visão, é indistinto se se trata de um texto erudito ou da produção popular, pois todas estas formas são uma expressão da arte, cultura e memória da civilização humana.

Uma contraposição à literatura clássica e culta é a literatura marginal, desenvolvida e produzida nas periferias das cidades brasileiras, principalmente nas periferias paulistas. Segundo Nascimento, "literatura marginal" como fenômeno literário tem uma multiplicidade de significações, dependendo se o ambiente marginalizado dos escritores é abordado de uma perspectiva social, editorial ou jurídica (2016, p. 61). Dito isto, o termo "marginal" é entendido como um adjetivo personalizado por cada escritor. A conjugação dos dois termos, "literatura" e "marginal", visa construir uma interligação cultural entre a literatura e a realidade, relacionada à marginalidade e à periferia. O sujeito literário vira protagonista, e assim surge uma nova forma do realismo urbano, criado por um sujeito oriundo da periferia urbana ou, por exemplo, um prisioneiro, em vez da elite (Botton, 2019, p. 50-51). Um dos objetivos da utilização dessa nomenclatura é a referência à literatura produzida pelas camadas sociais baixas, questionando a ideia de "marginal" como sinônimo de "bandido" ou "criminal", adjetivos frequentemente utilizados pelas camadas mais altas, com um preconceito em relação às pessoas das periferias. Essa literatura, produzida pela periferia sobre a periferia e para a periferia, quer dar às minorias a "voz" e uma chance de participar em diferentes contextos culturais das comunidades (Rosa, Guedes, Leite, 2012, p. 2-3).

A primeira menção do termo "marginal" na literatura foi notada nos anos 70 na cidade do Rio de Janeiro, onde um grupo de poetas oriundos das favelas produzia uma poesia chamada de marginal, que nem estava dentro do padrão editorial ou acadêmico, nem se identificava com as vanguardas. A estes autores a crítica literária refere-se como à Geração Mimeógrafo, porque distribuíam seus textos em folhas mimeografadas pelos bares, cinemas e outros espaços públicos da sociedade. A poesia deles foi produzida pela classe média e por estudantes. Em contraposição à "poesia culta", caracterizava-se pela linguagem coloquial, pela ironia e por temas de sexualidade ou do uso de substâncias ilegais. Aos representantes dessa geração pertenciam os poetas Ana Cristina César, Cacaso, Paulo Leminiski, Francisco Alvim e Chacal (Eble, Ramar, 2015, p. 194, Nascimento, 2006, p. 12-14).

O termo "marginal" ressurgiu no fim dos anos 90, principalmente em São Paulo, representando escritores oriundos das periferias paulistas, engajados na temática, cultura e problemas da periferia ou da cultura hip hop local. Uma característica dessa geração dos autores periféricos é o uso da linguagem coloquial, das gírias nas obras literárias e nas letras das músicas dos gêneros hip hop e rap (abreviação do "rhythm and poetry"), que é

caracterizado pela fala em versos com batida eletrônica, com mensagens sócio-críticas como forma de reivindicação da cultura periférica. Eble e Ramar (2015) definem o hip hop como um movimento “contra-hegemônico que tem um objetivo político e acredita poder usar a cultura como arma para mudar a realidade social de uma comunidade historicamente marginalizada” (Eble, Ramar, 2015, p. 195).

Um dos introdutores do conceito “literatura marginal” foi o poeta e rapper Ferréz, pseudônimo de Reginaldo Ferreira da Silva. Em 1997, lançou seu romance *Capão Pecado*, baseado na sua própria história de vida na favela paulista Capão Redondo. A discussão pública acerca do livro e o interesse das pessoas pela temática de marginalidade foi um impulso para que Ferréz iniciasse outros projetos. Ainda no mesmo ano, ele começou a publicar na revista *Caros Amigos*, na qual publicou três edições especiais da *Literatura marginal: a cultura da periferia*, intituladas Ato I, II e III, e publicadas nos anos 2001, 2002 e 2004, respectivamente. Nesses exemplares providenciou espaço para 48 autores do perfil sociológico periférico, que publicaram 80 textos, o que, por consequência, ampliou o debate em torno da expressão “literatura marginal” e reuniu os autores desse espaço social (Eble, Ramar, , 2015, p. 195 , Rosa, Guedes, Leite, 2012, p.6-7). Na sua coletânea *Literatura Marginal*, Ferréz proclama: “Não somos o retrato, pelo contrário, mudamos o foco e tiramos nós mesmos a nossa foto” (Ferréz, 2005, p. 09). Isso podemos entender como uma dupla proclamação da marginalidade, referindo-se aos autores marginais como sendo competentes da produção sobre eles mesmos. Estas duas publicações são essenciais para o entendimento da literatura marginal. Elas conseguiram um privilégio restrito somente para as elites culturais, que é produzir e publicar literatura, e alcançar o público geral das classes média e alta (Reyes, 2011, p. 6). Ferréz é também o fundador do grupo 1DaSul (Somos Todos Um Pela Dignidade da Zona Sul), uma das iniciativas mais importantes que promove cultura e criação de bibliotecas comunitárias no Capão Redondo. Esta iniciativa foi formada por escritores amadores, rappers, pichadores, estando próxima do movimento hip hop, que valoriza a cultura de negritude e o estilo de vida periférico (Nascimento, 2006, p. 16, p. 143).

Assim, a literatura marginal vai muito além do campo de literatura, pois é vinculada a um projeto político, comprometido com as condições periféricas e opressivas. Existem muitas iniciativas autônomas dos movimentos culturais periféricos, principalmente em São Paulo. Um desses projetos são os *saraus literários*. Os saraus são espaços de um ambiente lúdico e combativo, principalmente bares, que se transformam em locais abertos para as criações artísticas periféricas ou debates políticos, pois recebem poetas e escritores periféricos para

que compartilhem suas obras com outros habitantes das periferias. No início da década 2000, os saraus se expandiram em favelas paulistas, logo também em outras cidades. O sarau mais famoso e de maior relevância, que inspirou outros espaços para organizarem eventos da promoção da cultura periférica, é o Sarau da Cooperifa (Cooperativa Cultural da Periferia), fundado em 2001 pelo poeta Sérgio Vaz (Reyes, 2011, p. iii, p. 2, p. 13). Auto-definido como “um movimento cultural de resistência na Periferia” (Nascimento, 2006, p. 97), a Cooperifa agrega artistas de diferentes áreas, principalmente poetas, que se reúnem semanalmente no bar Jardim Guarujá, na Zona Sul de São Paulo. Em 2007, o poeta Sérgio Vaz organizou a Semana da Arte Moderna da Periferia, uma festa inspirada pela Semana da Arte Moderna em São Paulo de 1922, e escreveu o *Manifesto da Antropofagia Periférica*, para propagar a literatura e a cultura periférica (Eble, Ramar, 2015, p. 196).

Um dos autores que estreou na terceira edição de *Caros Amigos* foi o jovem escritor Ademiro Alves, que adotou como pseudônimo literário seu apelido de infância Sacolinha. Em 2005, com apenas 22 anos, auto-publicou seu primeiro livro, *Graduado em marginalidade*, que abriga histórias das mães solteiras, assaltantes, assassinos, trabalhadores explorados pelos traficantes e outras pessoas com difíceis condições da vida na periferia paulista, Vila Clementina. Sacolinho é militante do movimento negro e do hip hop, bem como o idealizador do projeto cultural Literatura no Brasil, que tem como objetivo a divulgação dos textos de escritores de periferia e a promoção da leitura. Segundo Sacolinho, as letras do rap são “a verdadeira literatura produzida no Brasil” (Nascimento, 2006, p. 152), por articularem a realidade social das favelas (Nascimento, 2006, p. 4, 114-118, 152-154).

Em sua dissertação, Nascimento propõe uma divisão da “literatura marginal dos escritores da periferia” em dois campos. O primeiro campo contém os poetas da década de 70 e a seguinte geração de escritores oriundos da periferia. O segundo campo abrange uma “nova geração” de escritores marginalizados, que surge desde o início de 2000, caracterizada pela colaboração de todos eles para desenvolverem a consciência comum sobre a temática periférica. Estes escritores, por conseguinte, propõem novos significados para o termo “marginal” e oferecem soluções para a inclusão dessa literatura no campo literário (Nascimento, 2006, p. 18).

A literatura periférica retrata o cotidiano e as rotinas dos lugares periféricos, seus problemas, relações, dores, situações envolvendo crime, violência, desigualdade, drogas, desemprego, opressão. Botton (2019, p. 51-53) menciona algumas características principais

da literatura marginal, como um expressivo e ficcionalizado realismo, bem como o fato que os autores são oriundos da periferia urbana. Outro traço é a linguagem marcada pela oralidade, que, graças ao desenvolvimento tecnológico, “possibilita ver a favela pela sua perspectiva” (Botton , 2019, p. 53). Os autores são política e socialmente engajados, ativamente participam nas discussões com outros autores e com a mídia, quebram as fronteiras dos gêneros literários e combinam sua produção literária com outros estilos artísticos, especialmente com a música (ex. rap ou hip hop) (Botton , 2019, p. 51-53 & Reyes, 2011, p. 13).

Em maioria, os escritores não dominam a linguagem culta, portanto o seu discurso é simplificado, caracterizado por um amplo uso da linguagem coloquial, gírias, palavrões e neologismos. Os autores seguem suas próprias regras gramaticais, por exemplo, na concordância verbal ou no uso do plural. A tendência de oferecer um retrato objetivo do dado ambiente leva a literatura marginal, segundo segundo os críticos, a uma aproximação ao realismo e ao naturalismo. (Nascimento, 2006, p. 19, 35)

Além do termo “marginal”, vários críticos e autores usam o conceito “literatura periférica”, apesar de que “espaços marginalizados não sejam geográfica ou metaforicamente periféricos” (Reyes, 2011, p. 13). Além desses dois termos principais, existem outras nomenclaturas que abordam esse novo fenômeno literário, como “literatura de baixo”, “literatura vira-lata”, “literatura das margens”, “literatura popular” ou “literatura divergente”.

Hoje em dia, vários autores identificam-se sobretudo com o conceito “literatura marginal”. Eles assumem sua expressão literária dentro do contexto de marginalidade social e cultural, excluída do cânone literário (Eble, Ramar, , 2015, p. 196). Além dos já apresentados, são os autores como Alessandro Buzo, Santiago Dias, Jonilson Montalvão, Elizandra Souza, Lutigarde Oliveira, Allan Santos da Rosa, Dinha, ou Dugueto Shabazz.

2.3 Literatura periférica na cidade do Rio de Janeiro

Podemos afirmar que, ao longo dos séculos, a capital carioca sempre esteve no foco privilegiado dos intelectuais que produziram literatura sobre a vida urbana da cidade e sobre sua sociedade, possibilitando assim “a construção de uma literatura própria” (Seldin e Ledo, 2017, p. 5). Apesar de que a literatura periférica e seus movimentos sejam predominantemente baseados na cidade de São Paulo, o estado do Rio de Janeiro também começou a envolver-se em alguns eventos culturais periféricos em níveis local, nacional,

bem como internacional. Assim, desde a virada do milênio, está crescendo a geração mais jovem dos autores da periferia carioca, que se interessam em descrever a realidade dos morros partindo “de cima para baixo” (Seldin e Ledo, 2017, p. 8).). Além dos autores das zonas marginais, intelectuais de outros espaços sociais começam a interessar-se cada vez mais pela problemática desses locais.

No início da década de 1990, no período do aumento do tráfico nas favelas, o jornalista Zuenir Ventura reportou a violência e a segregação entre o “morro” e o “asfalto”, após uma chacina de 21 pessoas por policiais militares na favela carioca Vigário Geral, em agosto de 1993. Baseando-se na própria experiência, quando durante dez meses frequentava essa favela agitada, o autor tentou explicar a histórica dualidade carioca, ou seja, o conflito entre, de um lado, a realidade da população dos morros, criados como consequência da modernização da cidade, e do outro lado, a perspectiva das unidades da polícia pacifista, que foram instaladas nessa favela (Seldin e Ledo, 2017, p. 8). O seu livro *Cidade partida* ganhou o prêmio Jabuti 1995 na categoria da Melhor Reportagem.

Além do já mencionado romance *Cidade de Deus* (1997), do escritor carioca Paulo Lins, podemos destacar o livro *Cidade cerzida*, de 2005. Nele, o seu autor, Adair Rocha, um representante do Ministério da Cultura, relatou de novo a dualidade do “morro” e do “asfalto”, desta vez com enfoque no morro de Santa Marta, da Zona Sul. Ele aponta a esta divisão e apela para a unificação destas duas realidades cariocas (Seldin e Ledo, 2017, p. 8).

Dos pesquisadores, podemos ressaltar Maria Paula Nascimento Araújo, Professora do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, que, junto com Écio Salles, ex-coordenador do AfroReggae, lançou o livro *História e memória de Vigário Geral*, em 2008. Esta obra narra a história da modernização da Cidade Maravilhosa, bem como a formação dos morros, incluindo uma das mais violentas favelas da cidade, o Vigário Geral. A intenção da autora foi diminuir a dicotomia entre a favela e a cidade (*História e Memória de Vigário Geral*, 2008). A outros pesquisadores pertence, por exemplo, Marcus Vinícius Faustini, que lançou em 2009 o livro *Guia afetivo da periferia*, ou Dudu do Morro Agudo, que, um ano depois, publicou o livro *Enraizados: Os híbridos locais*.

Como resposta ao livro de Zuenir Ventura *Cidade partida*, Jalison de Souza e Silva publicou em 2012 o livro *O novo carioca*, negando o mito da cidade partida, abonando o surgimento de um "novo carioca", que é “ um personagem oriundo das periferias e dos grupos sociais

populares, cujas possibilidades sociais, econômicas e culturais foram ampliadas” (Seldin e Ledo, 2017, p. 9). Este personagem, apesar de estar enraizado em suas origens e estar ciente da realidade, ele está apto a transitar entre aqueles dois espaços, o “morro” e o “asfalto”, para cumprir suas necessidades. Assim, surgem esforços para criar um alternativo ambiente de produção cultural, como em São Paulo, feito dentro das periferias, pelas periferias e para as periferias. A literatura é aberta para o público em forma de montagem das bibliotecas, dos saraus, como, por exemplo, o “Sarau Quintas Poéticas: voz, violão, vinho e versos”, ou através das festas literárias (Seldin e Ledo, 2017, p. 9-10).

Um dos eventos mais visíveis do estado do Rio de Janeiro é a Festa Literária Internacional de Paraty (FLIP), um evento literário anualmente organizado ao sul da capital carioca, promovendo autores desfavorecidos, dos quais alguns da descendência negra ou índia ganharam prêmios nesta festa (Leite, 2020).

Inspirados na FLIP, os idealizadores Écio Salles e Julio Ludemir são responsáveis pela fundação da Festa Literária das Periferias (FLUP) no Rio de Janeiro, cuja primeira edição foi em 2012 no Morro dos Prazeres, em Santa Teresa (Leite, 2020). Esta festa tem a intenção de levar escritores “sem voz”, oriundos de zonas marginalizadas pacificadas, às grandes editoras. No ano seguinte, a FLUP mudou o seu nome para a Festa Literária das Periferias e mudou também o local, com o objetivo de estender a zona para além das favelas pacificadas com a implementação da UPP (Unidade Policial Pacificadora), para incluir também outras zonas marginalizadas (Seldin e Ledo, 2017, p. 12).

Em 2014, no Morro do Alemão surgiu o “Rio slam poetry”, a primeira competição sul-americana de recitação dos trabalhos dos poetas periféricos (Seldin e Ledo, 2017, p. 13).

No início do milênio, Binho Cultura, artista da Vila Aliança, lança o livro *A história que eu conto*, que narra a iniciativa de três habitantes da favela Vila Aliança ao criarem um Centro Cultural, apelando ao governo e investidores para ajudá-los neste projeto (Silva, 2022).

Em 2013 foi publicado o livro *A voz do Alemão*, escrito por Rene Silva, oriundo do Morro do Adeus, no Complexo do Alemão. O autor é o fundador do jornal *Voz da comunidade*, que dá espaço às vozes da comunidade, anteriormente silenciadas. Na base desse jornal, ele elaborou o mencionado livro, que retrata diversas histórias do seu cotidiano no complexo, bem como dos outros habitantes que contribuíram com suas histórias no jornal (Silva, 2022).

Baseado na letra *O menino do morro*, do grupo de rap *Facção Central*, o artista Bruno Rico lançou um romance do mesmo nome. O livro narra a história de Julinho Faixa, menino que era maltratado e que, cansado das humilhações, passa a ser um dos traficantes mais sucedidos da sua área e, logo depois, do país inteiro. O protagonista alcançou esse poder mantendo sua identidade incógnita, mandando e desmandando até na política do país (Silva, 2022).

Em 2017, Lorhan Rocha, oriundo do Morro da Formiga, lançou seu romance *Eu sempre fui azul*. É um relato sobre um jovem desfavorecido, que sofre de depressão e se exclui da sociedade, com pensamentos de terminar a sua própria vida, até que uma menina entra na vida dele e muda sua perspectiva (Silva, 2022).

Em conclusão, os autores, os pesquisadores e as atividades acima apresentados são apenas alguns exemplos entre vários outros existentes no Brasil, de maior ou menor notoriedade. Tendo isso em vista, no próximo capítulo haverá um enfoque em outros três escritores oriundos das favelas cariocas, sendo analisada e comparada, em mais detalhe, a sua produção literária e o engajamento cultural.

3 Análise literária

No país que o Brasil de hoje em dia é e no contexto do seu desenvolvimento histórico, podem ser observados alguns aspectos mais vulneráveis como mobilizadores da opinião pública: a corrupção, o abuso de poder, a má administração, a malversação do dinheiro público, tudo isso se transformando em falta de confiança do povo no governo e na política que beneficia prioritariamente as classes dominantes.

Neste contexto, novas linguagens e formas de comunicação surgem todos os dias, transformando a relação do indivíduo com o próprio espaço. Essa modificação nas interações humanas e comutação das produções culturais fazem com que a literatura, música e demais reproduções artísticas evoluam constantemente, utilizando os sentimentos, emoções e ideais da sociedade em seu desenvolvimento (Brandileone e Martins, 2018, p. 67-69).

Nos últimos anos houve uma abertura significativa dentro da literatura brasileira para a literatura periférica, que foi impulsionada por movimentos culturais e descentralizadores, que buscavam visibilidade e força dentro da sociedade. É amplamente engajada e comprometida, permitindo que os indivíduos sem voz ativa possam se manifestar, mostrar suas produções artísticas e assim proporcionar um novo olhar à realidade (Brandileone, 2021, p. 27-28).

Como vimos no capítulo anterior, o centro dominante da produção periférica tornou-se a cidade de São Paulo. No entanto, no primeiro capítulo pudemos verificar que a cidade do Rio de Janeiro também tem uma grande parte da população que vive em bairros populares, o que deve significar que aqui também certamente existem escritores talentosos, ainda não descobertos, aspirantes e sem voz, devido às condições das quais eles vêm. Portanto, decidimos fazer uma pesquisa concentrada na produção literária das periferias do Rio de Janeiro, à base da qual encontramos vários escritores, que apresentamos no final do capítulo anterior. Destes, foram selecionados três autores cariocas, cujas obras vão ser analisadas mais detalhadamente no presente capítulo.

Primeiro, vamos analisar a coletânea dos contos *O sol na cabeça* (2018), escrita por Geovani Martins, escritor jovem que se vai tornando uma referência no contexto da literatura marginal. A seguir, será apresentado o romance *Fiel* (2014), do escritor Jessé

Andarilho. E, por último, abordaremos o livro autobiográfico *O livreiro do Alemão* (2011), do escritor e ativista Otávio Júnior. Escolhemos estes três autores por pertencerem à nova geração dos escritores da periferia e por provirem de comunidades diferentes da cidade, as quais também captam nas suas obras. Eles também escrevem sobre suas experiências de formas divergentes e por meio de gêneros diferentes, o que tentámos mostrar pela escolha dos livros analisados.

3.1 A coletânea de contos *O sol na cabeça*, de Geovani Martins

3.1.1 Informações sobre o autor e a obra

O autor da coletânea de contos *O sol na cabeça*, Geovani Martins, mora na periferia desde sua infância. Nasceu em 1991 na favela de Bangu, localizada na zona Oeste do Rio de Janeiro. Com a mãe, mudou-se para a Rocinha onde cresceu. Desde 13 anos de idade ele reside no Morro do Vidigal, na Zona Sul, aonde a família se mudou por causa da melhor acessibilidade ao trabalho da mãe. Esta mudança foi um ponto significativo em sua vida, como ele explica em uma entrevista para a revista *Época*:

[...] a gênese dos 13 contos foi o choque provocado por essa mudança. [...] Passei toda a adolescência nesse trânsito. Às vezes voltava a morar com meus avós em Bangu, passava uns meses e depois voltava para o Vidigal, normalmente no verão, sentindo saudade da praia” (Época, 2018).

Em sua vida, já trabalhou em várias posições, como “homem-placa”, atendente de uma lanchonete, ou numa barraca de praia durante o verão (Martins, 2018, p. 94). A vida pobre e difícil foi o pontapé inicial para seu desenvolvimento literário, pois mostrar as mazelas vividas diariamente pelos moradores da periferia foi uma forma de buscar a justiça social e equidade para todos os cidadãos. Portanto, os seus textos devem ser percebidos principalmente como um veículo de intervenção social. O discurso literário, que se apresenta nos seus textos, é uma forma de confronto social ocorrido a partir do ponto de vista de um morador da periferia, tendo uma fronteira entre ficção e realidade pouco notável (Brandileone, 2021, p. 28-29).

Em 2013, Geovani Martins participou, junto com outros autores das periferias, na Festa Literária das Periferias (FLUP), depois tomou parte em um evento do mesmo caráter, chamado Festa Literária Internacional das Periferias (FLIP), organizada em 2015 e em 2017. No último ano da festa foi introduzido a Ricardo Teperman, um editor da Companhia das Letras, que se interessou por sua obra e, um ano depois, em 2018, a coletânea de contos foi publicada pela grande editora Companhia das Letras. Depois disso, o autor tornou-se um fenômeno na literatura brasileira contemporânea. A coletânea de contos *O sol na cabeça* já foi traduzida para várias línguas, como o inglês, francês, alemão e até chinês. Além disso, a obra foi recentemente indicada ao Prêmio Jabuti e também foram comprados os direitos da adaptação da obra para o cinema (Brandileone, 2021, p. 27-29).

Geovani Martins busca dar visibilidade e voz à periferia, colocando o território geográfico da favela e o cotidiano de seus moradores no foco das narrativas. Como observado, no centro de suas discussões está o tema da desigualdade social e da estrutura do poder institucional, destacando-se aqueles que vivem à margem da sociedade e que tentam sair do círculo de violência ao qual estão expostos.

Seguindo Bottom (2018), a forma de vivenciar as experiências pelo autor é uma oportunidade de sensibilizar toda a sociedade brasileira para situações que não são desconhecidas a ela, mas acabam sendo ignoradas e deixadas de lado, como o tráfico de drogas e o envolvimento de menores, a violência entre a polícia e os moradores das favelas, o descaso dos governantes para com esta parcela da sociedade, a pobreza e a falta de qualidade de vida. Através de movimentos artísticos e culturais, é possível dar voz a muitos problemas enfrentados por grande parte dos cidadãos, disseminando a justiça social e a igualdade (Botton, 2018, p. 3896-3909).

Verificaremos que os textos do autor têm a intenção de retratar os dilemas e as dificuldades enfrentados pelos moradores da periferia. Através de uma linguagem singular e própria, ele conta fatos corriqueiros para a comunidade, que são enfrentados por praticamente todos os moradores. Sua forma de apresentar os pensamentos, as atitudes e as características desta população busca expressar sentimentos de indignação e inconformidade, que são resultantes de uma sociedade capitalista, injusta e desigual.

Portanto, é possível compreender que o autor apresente ao longo de sua obra diferentes ações, espaços e personagens desenvolvidos à base de suas experiências pessoais e empíricas. Essa busca da autenticidade, ou seja, uma linha tênue entre a realidade e a ficção, é um traço típico da atual produção marginal, pois os autores têm uma grande preocupação em apresentar sua realidade e afirmar sua voz e individualidade (Botton, 2018, p. 3896-3909).

3.1.2 Análise temática

A coletânea de contos *O sol na cabeça* é uma representação significativa da literatura periférica. Suas narrativas apresentam o cotidiano de jovens e crianças das favelas cariocas, mostrando suas dificuldades econômicas e sociais, envolvimento com o tráfico e consumo de drogas, a discriminação social e violência, as tensões entre a polícia e os moradores, em contraponto com as situações como as brincadeiras de rua, idas à praia, amizades ou relações amorosas. As histórias captam as emoções destas pessoas, tais como os sentimentos de medo, ansiedade, arrependimento, raiva, alienação ou ciúme, mas também amor, nostalgia, esperança e alegria nas pequenas coisas que a vida traz.

O livro *O sol na cabeça* é composto por um total de treze contos, seis deles com um narrador em primeira pessoa e sete com um narrador em terceira pessoa. Os contos apresentam o cotidiano ora cruel, ora poético dos moradores das favelas cariocas, através das suas falas autênticas que nos aproximam as suas atitudes, ideais e formas de viver. Este método de escrita é desenvolvido para apresentar ao leitor da forma mais realista possível a vida da população das favelas, a interação entre os moradores do morro, bem como suas desavenças com a população abastada.

O primeiro conto, “Rolézim”, apresenta um comum dia de sol e calor, no qual as personagens buscam maneiras para aproveitar a praia carioca e se refrescar. Em seu percurso podemos conhecer os costumes da população que mora nas favelas, que estão tão presentes em suas atividades diárias, como a naturalidade com que ela interage com as drogas. O conto também apresenta a violência e a discriminação com que a polícia trata os jovens da favela, o que é demonstrado de uma forma clara na passagem seguinte:

Nós tava tranquilão andando, quase chegando no ponto já, aí escoltamos os canas dando dura nuns menó. A merda é que um dos

cana viu nós também, dava nem pra voltar e pegar outra rua. [...] Quando nós tava quase passando pela fila que eles armaram com os menó de cara pro muro, o filho da puta manda nós encostar também. Aí veio com um papo de que quem tivesse sem dinheiro da passagem ia pra delegacia, quem tivesse com muito mais que o da passagem ia pra delegacia, quem tivesse sem identidade ia pra delegacia” (Martins, 2018, p. 15).

Neste trecho fica perceptível o desrespeito e a intransigência com que a polícia trata os menores desprivilegiados da margem social, abordando jovens a caminho de casa como se fossem criminosos. Estes, por sua vez, crescem em meio ao medo e ao receio. Segundo Regina Dalcastagnè, os marginalizados são “todos aqueles que vivenciam uma identidade coletiva que recebe valoração negativa da cultura dominante, sejam definidos por sexo, etnia, cor, orientação sexual, posição nas relações de produção, condição física ou outro critério” (2007, p. 20).

Quando em seus escritos o autor trata do uso de drogas por jovens e adolescentes, ressalta a sua situação de desamparo. No conto “A Viagem”, abordando de novo a temática do uso de diversas drogas dentro do ambiente da favela, ele mostra o fracasso do poder público em relação à instauração da paz nestes locais. Em todos os lados é possível ver a comercialização da maconha, não somente nas favelas, mas em toda a cidade do Rio de Janeiro, sendo o crack a única droga proibida. O uso expressivo da maconha está frequentemente relacionado com a sensação de tranquilidade, como notório no trecho abaixo: “Gabriel nunca cheirou cocaína, é um moleque tranquilo em relação às drogas, além de maconha só usa doce e lança-perfume (em ocasiões especiais)” (Martins, 2018, p. 47).

O enredo do conto “Estação Padre Miguel” passa no lugar chamado Cracolândia, onde um grupo de cinco amigos discute seu único passatempo, consumo de drogas, confrontados por uma nova lei dos traficantes, que tinha proibido o consumo de crack na favela. Durante esta conversa são assaltados por outros viciados e traficantes.

Isso é porque o mundo tá drogado, irmão. Até parece que tu não sabe. Já te falei, vou falar de novo: uma semana sem drogas e o Rio de Janeiro para. Não tem médico, não tem motorista de ônibus, não tem advogado, não tem polícia, não tem gari, não tem nada. Vai ficar todo mundo surtando de abstinência. Cocaína, Rivotril, LSD, balinha, crack, maconha, Novalgina, não importa, mano. A droga é o combustível da cidade (Martins, 2018, p. 47).

Neste trecho, o autor abertamente critica a inteira cidade do Rio de Janeiro, acusando, hiperbolicamente, todos os habitantes da cidade do uso de várias drogas, incluindo as substâncias distribuídas sob prescrição médica.

Para Yves Michaud (1989, p. 12), a situação de violência cotidiana e de vulnerabilidade, à qual os menos favorecidos estão expostos, é alimentada por uma estrutura social desigual, em que os indivíduos acabam por serem divididos e classificados de acordo com seu local de residência, ou seja, se provêm do centro ou da periferia. Desta forma, a representação da periferia aparece como um sistema semântico associado à denúncia de crime, violência, injustiças e carência. As vozes sociais forçam e forjam o seu espaço no campo da literatura exigindo que esse conjunto de vozes seja interpretado (Michaud 1989, p. 12) .

Como pode ser visto em um trecho do conto “Espiral”, o medo do desconhecido e das circunstâncias do mundo privilegiado, no qual o personagem se de repente encontra, acaba por ser o veículo de geração e propagação da violência.

É foda sair do beco, dividindo com canos e mais canos o espaço da escada, atravessar as valas abertas, encarar os olhares dos ratos, desviar a cabeça dos fios de energia elétrica, ver seus amigos de infância portando armas de guerra, pra depois de quinze minutos estar de frente pra um condomínio com plantas ornamentais enfeitando o caminho das grades, e então assistir adolescentes fazendo aulas particulares de tênis. É tudo muito próximo e muito distante. E, quanto mais crescemos, maiores se tornam os muros (Martins, 2018, p. 12).

A violência e a injustiça social também podem ser verificadas no conto “A história do Periquito e do Macaco”, onde o autor descreve a instalação da UPP (Unidade de Polícia Pacificadora) na maior favela do Rio de Janeiro, Rocinha. Ele se aproveita da perspectiva de um menino que critica diretamente os dois lados, mostrando a corrupção e a superficialidade de toda a ação ocorrida na favela: "Esses polícia é mó piada mermo, falando assim até parece que não é eles que vende a porra das armas nos morro" (Martins, 2018, p. 31).

No conto “Primeiro Dia”, são apresentadas as preocupações de um jovem de onze anos, que cresce em meio aos estereótipos e às mazelas dos moradores da periferia brasileira. O personagem é repetente em uma escola que ele não gosta de frequentar porque se sente nela diminuído e insignificante. Sua esperança é frequentar uma nova escola, onde se poderia

tornar uma pessoa mais significativa e atuante. Neste contexto, percebemos que uma de suas grandes preocupações é ser um membro valorizado em seu meio social. Este sentimento é frequente na população marginalizada, que se sente excluída da sociedade dominante em diversos aspectos, sejam eles políticos, sociais e econômicos.

Outra questão importante, apresentada no conto, é a desvalorização da educação no ambiente da favela, onde muitos jovens crescem em situações de pobreza e marginalidade. Eles são movidos por uma busca de melhor qualidade de vida, que só o dinheiro rápido poderá proporcionar. Podemos verificar isso no trecho:

Deixou em casa os lápis de cor, a régua, as canetinhas e todo o resto da lista de material que a mãe fazia questão de comprar inteira, por mais que doesse no bolso, e levou apenas seu caderno do Flamengo e uma caneta Bic. Ter um estojo, sentar na frente, responder as perguntas do professor são péssimas ideias para quem pretende ser respeitado na escola (Martins, 2018, p. 35).

A apresentação das preocupações e dos pensamentos mais recorrentes das crianças e dos jovens da periferia também quer mostrar as injustiças e os preconceitos por eles enfrentados diariamente. Estes jovens são comumente vistos de maneira estereotipada, como ladrões, arruaceiros e marginais. Esse julgamento podemos observar no conto “O Rabisco”, no qual o personagem principal é um pichador. Devido a sua origem e o seu estilo de vida ele é considerado um criminoso, sendo perseguido no momento em que pichava um prédio no meio da noite.

3.1.3 Linguagem

Sem leitura não se pode escrever. Tão-pouco sem emoção, pois a literatura não é, certamente, um jogo de palavras. É muito mais. Eu diria que a literatura existe através da linguagem, ou melhor, apesar da linguagem.

Jorge Luis Borges

A arte literária é uma expressão cultural, o espaço da imaginação e da liberdade de um indivíduo único, onde é permitido criar novos mundos, onde se podem experimentar emoções nunca sentidas, correr riscos e enriquecer o cotidiano sem restrições. Por este motivo, não é justo excluir alguma forma da linguagem, seja essa linguagem culta, seja coloquial.

A linguagem não normativa está em constante mudança, assumindo, modificando e intensificando certas particularidades linguísticas. Assim, iremos observar que os contos ali inseridos revelam a linguagem e cultura típicas para a favela, expondo suas riquezas e, por outro lado, suas mazelas. Geovani Martins nos apresenta uma linguagem diferente da linguagem normativa com suas regras restritas, próprias da arte literária canônica. Em vez disso, ele usa uma língua vívida e um dialeto local, falado pelos habitantes dos morros com todas as suas peculiaridades linguísticas, cifradas de forma que um leitor comum terá problemas de compreensão. A linguagem utilizada pelo autor enriquece e dá força aos seus contos, marcando seus cenários por um realismo onírico e paradoxal, que acaba por convidar o leitor a vivenciar o contexto de gírias, violência e tensão que se constitui no seio das favelas (Pimentel, 2020, p. 258-259).

Desta forma, através de uma obra artística não se sentem apenas as emoções do autor, mas também o momento histórico vivido e a cultura de cada época e lugar. Através das obras literárias também surgem expressões de novas vozes, enunciando os sujeitos à margem do poder econômico, social, étnico-racial, vivenciando uma identidade coletiva que é valorizada de forma negativa pela cultura tradicional dominante (Brandileone e Martins, 2018, p. 67-69).

Esta nova linguagem coloquial inserida na literatura, apesar das suas características já apresentadas, insere o leitor em meio ao dia-a-dia dos moradores da favela com a intenção de causar empatia para com as adversidades e as problemáticas enfrentadas pela população local.

Teco é maluco. Até parece que ia conseguir dormir com aquela lua. Geral falou que na praia ele ia ficar tranquilão, só palmeando as novinha, dando uns mergulho pra refrescar a carcaça. Quando chegasse em casa, ia tá morgadão, dormir que nem criança (Martins, 2018, p. 6).

No trecho em cima, tirado do conto “Rolézim”, é retratado um dia quente em que um jovem da favela decide ir junto com seus amigos para a praia. Aqui o autor mostra momentos de lazer que os indivíduos que habitam as favelas vivenciam. Os detalhes oportunizam que o leitor possa imaginar a realidade de tais situações, expressas por meio do linguajar utilizado pelas personagens.

Podemos verificar que o autor intencionalmente deixa as gírias no texto sem nenhuma marcação visual, para enfatizar que pertencem ao espaço literário. Assim, o leitor pode enfrentar dificuldades na compreensão. Em linguagem padrão, o trecho significaria, aproximadamente, o seguinte:

Teco ficou louco. Até parece que ia conseguir dormir com a lua. Os outros disseram que se ia acalmar na praia, observar algumas meninas, mergulhar para refrescar sua cabeça. Quando chegasse em casa, ia estar tão exausto, que ia dormir que nem uma criança.

Assim, na linguagem que o autor utiliza, o leitor pode notar desvios gramaticais na concordância nominal em número entre os substantivos e os artigos definidos e indefinidos (ex. *uns mergulho, as novinha*), onde verificamos a omissão da desinência “-s” no final da forma plural dos substantivos e a presença da forma plural apenas nos determinantes. A palavra *morgadão* vem de “morgado”, que é uma expressão de gíria que significa que uma pessoa está muito cansada, com o sufixo *-ão* ainda reforçando a intensidade. O mesmo acontece em *tranquilão*, que aumenta o significado de “calmo” para “muito calmo”. A preferência pela preposição “em”, para os verbos de movimento, é quase absoluta, principalmente para o verbo “chegar” (ex. *Quando chegase em casa*).

Como outro exemplo vejamos o já apresentado trecho do conto “A história do Periquito e do Macaco”: “Esses polícia é mó piada mermo, falando assim até parece que não é eles que vende a porra das armas nos morro” (Martins, 2018, p. 31). Nele, o leitor pode notar a falta de concordância em número entre o pronome demonstrativo e o substantivo (“*esses policia*”), assim como entre o sujeito e o predicado (“*não é eles que vende*”) ou, de novo, a frequente disconcordância nominal em número entre o substantivo e o artigo definido (“*nos morro*”), sendo essas estruturas coloquiais típicas para os habitantes dos morros. O curto trecho também contém alguns exemplos da gíria: “...mó piada mermo” (significando “...uma grande piada mesmo...”), onde utiliza duas palavras analítico-sintéticas como intensificadores informais. A primeira palavra *mó* é uma gíria comum para expressar “muito”, enquanto a palavra *mermo*, sofre uma alternância fonética da palavra “mesmo” no padrão. A mais, há a presença do palavrão *porra*, que é uma expressão de baixo calão muito frequente, sobreusado em vários contextos. A palavra *porra* costuma intensificar a expressão seguinte, tendo sempre uma conotação pejorativa, exprimindo emoções negativas do emissor, tais como angústia, raiva e repúdio. Este uso podemos verificar na colocação “porra das armas” no trecho acima.

O léxico sofre uma presença considerável de expressões de gíria e de baixo calão, como vemos no conto “A história do Perequinho e do Macaco”. Como exemplos podem servir as palavras *menó*, um substantivo para definir ou chamar pessoas, da forma igual como “menino, rapaz” no padrão; *o bengá*, uma expressão de calão do morro que refere à maconha; *o vapor*, que é uma expressão do calão para chamar um menor traficante; *a boca*, que refere ao centro do tráfico de drogas; a expressão pejorativa *puta que pariu*, que é uma expressão de desagrado ou ofensa; ou a expressão *no sapatinho*, que é usada para dizer que algo será feito com cautela.

Estes desvios linguísticos podemos verificar no trecho seguinte, tirado do conto “A história do Perequito e Macaco”:

[...] ninguém queria botar a cara para vender, só tinha criança trabalhando de vapor. [...] (Martins, 2018, p. 28).

[...] quando a UPP entrou, dois dias já dava para comprar bagulho [...] Tu lembra do bengá na tua época já tava rolando? [...] Lembro como se fosse hoje, mano, último dia antes do polícia entrar no morro (Martins, 2018, p. 29).

[...] lá na boca, geral queria mostrar que tava tranquilão, mas dava ver que o bagulho tava esquisito. (Martins, 2018, p. 30).

[...] Puta que pariu, menó, tinha que ver (Martins, 2018, p. 30).

[...] Quando eles desceu, ele chegou no sapatinho e guentou os dois (Martins, 2018, p. 31).

Dos treze contos, é o „Rolézim“ que tem o maior uso da linguagem não normativa, que pode desabilitar o leitor para ele decodificar as particularidades linguísticas diastráticas apresentadas pelo autor. Ao longo da leitura, alguma coisa está sempre na margem do compreensível. Como refere Pimentel, isso dá uma impressão que algo sempre escapa ao leitor, da mesma forma como na leitura de poesia (Pimentel ,2020, p. 260).

[...] Ganhei pro calçadão e estourei a boa: arrumei foi uma da vermelha. Tu tá ligado que se apertar no talento dá até pra cortar no meio e fazer duas. Os menó ficaram de bobeira comigo. (Martins, 2018, p. 13).

Melhor coisa que tu fez, meu mano, sem neurose, foi ter se adiantado lá pro Ceará naquela época, papo reto. Bagulho ficou doído, os polícia sufocando, invadindo casa, esculachando morador por qualquer bagulho. Tu tá ligado como eles é” (Martins, 2018, p. 37).

Nestes dois trechos acima, tirados dos contos “Rolézim” e “A história do Perequito e Macaco”, observamos um exemplo do uso de uma linguagem peculiar, abundantes em expressões coloquiais e de gíria, difíceis de serem entendidos mesmo para um falante nativo do português. Os trechos podem ser traduzidos assim:

[...] Fui para zona mais movimentada e dei sorte: consegui arranjar uma maconha de alta qualidade. Você entende que se enrolar o cigarro com muito cuidado e habilidade, é possível fazer dois cigarros bons. Os meninos dividiram-na comigo .

A melhor coisa que você fez, meu amigo, sem precisar refletir sobre, foi ter se mudado para o Ceará naquela época, de verdade. As coisas ficaram radicais, a polícia começou a investigar mais, entrar nas casas, interrogando de forma violenta os moradores por qualquer motivo. Você sabe como eles são, não sabe?

O léxico nestes dois trechos é o que capta mais a atenção de um leitor de fora. No primeiro trecho, através de tradução das várias expressões coloquiais e usos de gíria isoladas, o leitor vai entender que o diálogo fala sobre maconha de forma implícita, ou seja, sem mencioná-la diretamente. Palavras são readaptadas para adquirir novos significados que destaquem um novo contexto, como neste trecho o verbo *ganhar* muda o seu significado para “sair”. No segundo trecho, há uso de um dos substantivos substitutas, *bagulho*, que exerce um papel para substituir o objeto de uma frase com o objetivo que isso ficasse claro exclusivamente para os participantes da conversa (ex. “*Bagulho ficou doido*”). Desenvolvendo o exemplo anterior, a expressão *ficar doido* é usada em todo país como uma gíria em vários contextos, aqui pode ser interpretada como “ficar radical”. Além disso, nos dois diálogos podemos observar uma intercalação do pronome pessoal tu. Isso aproxima a relação do narrador com o leitor, tornando o leitor num interlocutor ora silencioso, ora interpelado, para assistir a uma história da periferia dramatizada. Além disso, o autor coloca o leitor no rumo da realidade crua que se faz presente no espaço das periferias fazendo com que o leitor tenha a possibilidade de ler através da sua imaginação (Pimentel, 2020, p. 259-260). Nogueira adiciona que o artifício *tu tá ligado*, que chama o leitor para a cena, é o que enfatiza a dramatização da narrativa de forma profundamente íntima entre o sujeito e o outro, e, assim, faz cúmplices do narrador e do leitor (Nogueira, 2020, p. 3-4). Esta é uma expressão popular, que significa “você entende” ou que “tem conhecimento de algo”.

A linguagem presente na coletânea foi recebida bem, por alguns críticos foi até exaltada. Segundo João Roberto Maia, “o uso de registros diferenciados da língua pode ser entendido como recurso que contribui para a energia crítica do livro, ao possibilitar certa aproximação

transgressiva de linguagens, cujo efeito é, entre outros, realçar contrastes e divisões sociais” (Maia, 2021, p. 174). Assim, a quebra dos padrões da língua culta pode significativamente contribuir para uma futura superação da exclusão dessa linguagem e incluí-la dentro do cânone literário brasileiro.

Desta forma, o livro *O sol na cabeça*, de Geovani Martins, conta de forma vivaz e contextualizada os acontecimentos mais comuns no dia-a-dia dos moradores das favelas, que precisam lutar para sobreviver em meio às turbulências econômicas, políticas e sociais. O autor apresenta a cultura, os costumes e hábitos de uma parcela marginalizada da população, proporcionando a ela a oportunidade de ser escutada não só no seu território. Este livro é bastante significativo quando compreendemos que muitas pessoas vivenciam diariamente o preconceito, a violência, o menosprezo e a opressão apresentados nos contos, pois essas não são apenas histórias fantasiosas, mas representam acontecimentos corriqueiros, que fazem parte da vida diária de muitos cidadãos.

3.2 O romance *Fiel*, de Jessé Andarilho

3.2.1 Informações sobre o autor e a obra

Jessé da Silva Dantas nasceu em outubro de 1981, no bairro do Lins, em Santa Cruz, o último bairro da linha de trem que liga o centro à Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro, e foi criado na favela de Antares. O complexo Antares foi o primeiro conjunto habitacional selecionado para deslocar habitantes dos morros situados dentro da Zona Sul, em proximidade dos bairros de Gávea, Ipanema, Lagoa e Leblon, durante uma das iniciativas de remoção das favelas em meados do século 20. (Amaro, 2018).

Este deslocamento e a distância para o centro desempenharam um papel importante na vida do autor. Todos os dias, ele passava aproximadamente três horas no trem para chegar ao centro da cidade onde trabalhava. Esta movimentação constante fez ele receber o apelido *Andarilho*, que usa como seu pseudônimo. Para passar o tempo nas viagens diárias para o centro da cidade, ele baixou um aplicativo de escrita para seu telefone e foi assim que escreveu seu primeiro romance, *Fiel*, publicado em 2014, pela Editora Objetiva. O fato de que a editora era comercial foi um fator favorável para a boa recepção do livro. Desde o novo milênio, essa editora tem lançado vários títulos dos escritores marginais, como de MV

Bill. O romance *Fiel* foi o primeiro lançado sob o selo *Favela Objetiva*, parceira com a editora *Objetiva*, focada em produção, impressão e edição literária das obras escritas por habitantes de favelas. O selo *Favela Objetiva* vai além disso, contribui para a visibilidade dos favelados e providencia oportunidades educativas para esse grupo vulnerável. Este selo faz parte do conjunto *Favela Holding*, grupo de empresas que se dedicam ao desenvolvimento de favelas e de seus moradores (Gili, 2015, p. 3446).

Jessé Andarilho confessou que estava inspirado a começar a escrever a sua primeira obra depois de ler o livro *No coração do comando* (2002), escrito por Júlio Ludemir. Tratou-se do tipo de literatura com a qual ele se identificava, suscitando nele o interesse em compartilhar suas próprias histórias com os outros e assim contribuir para o tema da favela. Em seguida, começou a procurar outros livros do ambiente de favela que “pareciam filmes” (Gili, 2015, p. 3441). Depois do sucesso do seu primeiro livro, começou a engajar-se ativamente na propagação das comunidades, dando palestras tanto no país, quanto no estrangeiro. Além disso, ele administra uma biblioteca comunitária na favela Antares. Quanto à sua produção literária, lançou outros títulos, como o romance *Efeito variável* (Alfaguarra, 2017). Em 2020, foi lançado o livro *Cabeças da periferia: Jessé Andarilho, a escrita, a cultura e o território*, no âmbito da coleção *Cabeças da periferia* (2020), organizada por Marcus Faustini e promovida pela editora Cobogó. Nela, foram apresentadas entrevistas com três artistas de periferia. Além de Jessé Andarilho são também os livros *Táisa Machado, O afrofunk e a Ciência do Rebolado* e, como último livro da coleção, *Rene Silva, ativismo digital e ação comunitária*. Nestes livros, os ativistas periféricos mostram como se constroem suas narrativas e como eles mobilizam as atividades comunitárias através da cultura e comunicação (Redação (MN)). Na entrevista com Marcus Faustini, publicada na coletânea *Cabeças da periferia*, o autor comenta o propósito da sua produção nestas palavras:

Tudo eu penso na troca. Para quem não conhece a realidade e lê o livro, eu tô mostrando um universo novo pra essa pessoa. E para quem já é de favela e conhece o universo, eu tô mostrando esse universo de outro jeito (Andarilho, 2020).

Além das obras publicadas, Jessé Andarilho fundou e dirige o *sarau de poesia, slam e rap* chamado *MargiNow*, que tem como objetivo mostrar a realidade da favela sob outra perspectiva, ou seja, sob um olhar de pessoas que fazem parte dela (MargiNow [Andarilho], online, 2017). Numa entrevista para a revista cultural *Biblio*, o autor chamou o projeto

MargiNow “uma revolução através das palavras”. O projeto é uma iniciativa viva de “aqui” e “agora”, ou seja, traduzido como “now” para inglês, a palavra que o autor usou no nome captivante do projeto. Neste nome, ele brinca com um empréstimo estrangeiro inserido na palavra “marginal”, sem interferência na pronúncia brasileira da palavra „marginal“, que representa a intenção da liberdade e do afastamento dos padrões da língua culta e das regras ortográficas, que o projeto tem. *MargiNow* é organizado pelo povo para o povo, que compartilha e cria arte literária, poética, rap, funk ou pixação, tudo junto, sem intermediários, nos espaços públicos, como praças, ruas, bares ou aquedutos (Amaro, 2018).

Jessé Andarilho expande a literatura no contexto da nova era, propondo um contato autêntico com a periferia vivida por sua própria experiência. Em sua obra, ele reúne os atuais problemas de segregação, problemas de violência nas comunidades, problemática do uso das substâncias toxicológicas e, a isso ligada, a problemática da cibercultura e das regiões chamadas cracolândias (Reis de Sena, 2018, p. 25).

3.2.2 Análise temática

O livro *Fiel* relata a vida de Felipe, um menino de 14 anos, que vive no complexo Antares, no Rio de Janeiro. É um menino normal, inteligente, carinhoso, um talentoso jogador de futebol, frequenta a igreja, na sociedade é bem recebido por seus amigos, também por seus professores e pelos adultos do bairro. Ele vem de uma família religiosa, amorosa, que o cria rigorosamente, mas que lhe dá tudo do que ele precisa. Desde o início da narração, está obtendo sucesso tanto nos estudos quanto no campo de futebol, todos querem ser amigos dele e o convidam para divergentes grupos sociais. A sua popularidade é causada predominantemente por seu talento de dialogar, resolver problemas de outros e confortar a quem precisar. Apesar da sua idade, ele é muito estudioso e já leu muito sobre o assunto de comunicação. Desta forma, ele conquista o coração dos seus pais, colegas, professores, bem como garotas. Isso podemos verificar no trecho seguinte:

[...] aprendeu muito cedo a administrar as situações da vida. Conseguia separar as brigas dos pais simplesmente fazendo perguntas para um deles. Na hora em que iam falar algo que ofenderia a integridade do casal, Felipe entrava no meio e de alguma forma dizia coisas criativas que terminavam com a discussão. Quando o pai acusava a mãe de preguiçosa e ela já ia responder com alguma palavra ofensiva, ele entrava no caminho e perguntava à mãe o que havia colocado de diferente na comida. A partir daí, elogiava o tempero e ainda pedia confirmação ao pai. Na mesma

hora, a discussão era interrompida. Essa mesma habilidade era usada para conquistar as garotas na igreja e no colégio. Felipe era um admirador da arte da guerra — um amigo de seu pai lhe disse que as estratégias poderiam ser usadas em muitas situações na vida, inclusive na hora de conquistar uma mulher. Pronto, foi o suficiente para ele comprar vários livros sobre o assunto. Com isso, começou a guerrear nos campos de batalha da vida sentimental. Logo ficou com fama de namorador (Andarilho, 2014, p. 73).

Porém, a vida idílica de Felipe começa a mudar quando os seus pais se separam, o pai muda-se para o centro da cidade e, logo depois, a sua mãe também consegue juntar dinheiro suficiente para saírem de Antares e, com isso, dar ao seu filho uma vida melhor, o que, paradoxalmente, torna-o infeliz no momento mais importante da sua vida. Nos finais-de-semana, ele começa secretamente a ir ao baile funk, onde se aproxima de Jéssica, garota pela qual está apaixonado, e começa uma amizade com pichadores do bairro. Em seguida, sua popularidade leva-o aos chefes do morro, dando o início ao seu fim. Uma sequência de acontecimentos faz o Felipe tornar-se, por enquanto em incógnito, um novo fiel dos chefes do morro, tentando trazer boa ordem e paz à comunidade, visto que ele tem bastante admiração da maioria dos moradores. Com o tempo, sua identidade é revelada e lentamente as coisas começam a ficar complicadas, até que perde tudo e acaba vivendo na rua, viciado em crack. Logo, o protagonista fica detido em um centro de toxicodependência por um tempo, com pouca esperança de sair vivo desta situação.

Devido também ao fato de o livro ter sido escrito em um telefone celular no trem, a história é narrada em estilo direto. O seu objetivo, segundo o próprio autor, é contar a história como se fosse num bate-papo, para que seja compreensível também para aqueles menos acostumados à leitura (Amaro, 2018). A tentativa de falar naturalmente figura em toda parte da obra. No caso do *Fiel*, o protagonista foi o porta-voz de todos os favelados, representando a inteira comunidade marginalizada. O realismo, no qual o autor compôs as cenas e o caráter das personagens, fazem deste livro de ficção um paralelo à vida cotidiana real, como se fosse seu espelho, ou seja, um testemunho, diretamente ligando o texto com a vida na favela. Segundo Ludmer:

É uma realidade que não quer ser representada, porque já é pura representação; uma urdidura de palavras e imagens de diferentes velocidades, graus e densidades, interiores-exteriores a um sujeito, que inclui o acontecimento, mas também o virtual, o potencial, o mágico e o fantasmático (Ludmer 2013, p. 123).

Os locais apresentados no livro, que se encontram dentro da favela, são locais ambivalentes. De um lado, deixam o leitor sentir emoções positivas com algumas certezas, como inclusão,

coletividade e fé, ao contrário, porém, estes mesmos locais são carregados por incerteza, exclusão, violência, crime, desconstrução, barreiras e invisibilidade da camada popular pelas autoridades (Reis de Sena, 2018, p. 79). Apesar de que a obra tenha um cenário violento numa favela dominada por um cartel do tráfico de drogas, o foco do livro não é a violência em si. Contudo são relatadas histórias da vida, dos prazeres e das dores das pessoas que habitam este local e que têm que conviver com o crime sem serem atores das ações criminosas (Gili, 2015, p. 3442).

As localidades das histórias são um dos fatores mais curiosos na escrita do autor. Ele não demonstra interesse pela cidade em si. Em vez disso, o autor concentra seu foco na apresentação da cidade do Rio de Janeiro pelo desconhecido bairro de Santa Cruz, o lugar de onde ele próprio vem, assim como o protagonista do livro. A autoimagem oferece, que o enredo está inserido em uma das favelas mais populosas da cidade, no complexo Antares. Antares é uma região carioca inexplorada, muito distante em termos do espaço e das facilidades dos lugares icônicos ao redor da Zona Sul e do Centro, de onde os habitantes foram transferidos, como comentado em mais detalhe no primeiro capítulo, dando isso origem a condições sanitárias miseráveis e a violência nesta favela:

O conjunto habitacional de Antares foi construído no ano de 1973 para servir de triagem para flagelados de enchentes das favelas da zona sul, no entanto, a população residente naquela área não foi transferida, e ao redor do conjunto foi surgindo uma aglomeração populacional sem planejamento. A comunidade de Antares fica localizada na Área Programática 5.3, no Bairro de Santa Cruz, distante aproximadamente 60 Km do centro da cidade do Rio de Janeiro. Como o local não possuía equipamentos sociais que dessem conta das demandas desta comunidade, o conjunto Antares a partir da década de 80, passou a abrigar quadrilhas e facções criminosas[...] Trata-se de uma das comunidades mais empobrecidas da Zona Oeste, com cerca de 20.000 habitantes residindo em 3.360 domicílios, abrigando uma média de sete pessoas por domicílio. Encontra-se cerca de 5 Km de distância das referências básicas de saúde, e possui índices de violência importantes (RIO DE JANEIRO, s/d, s/p.).

O protagonista Felipe desloca-se com frequência em transporte público entre os dois espaços que contrastam, entre a favela e o centro, sendo o ônibus usado como símbolo da estratificação da sociedade dessas duas zonas (Reis de Sena, 2018, p. 49).

O centro da cidade, o bairro boêmio e turístico Lapa, é apresentado sob o olhar de um desfavorecido, que explica a segregação da sua classe social e a sua impossibilidade de frequentar este local, por falta do dinheiro e pela distância:

[...] Aqui é um ponto turístico, que é feito pra receber os gringos. Nós cariocas da Zona Oeste, os caras querem mais é que se danem. Nós não temos a grana que eles têm pra gastar aqui. Pra você ver, sou carioca, mas nunca fui ao Cristo Redentor e meu Pão de Açúcar é só com manteiga (Andarilho, 2014, p. 1341).

O narrador não apresenta o centro como um espaço sociável, em vez disso, expõe a crítica da estratificação da cidade e da exclusão de certos lugares, onde moram as classes sociais mais baixas, pelas classes sociais altas e pelos turistas (Reis de Sena, 2018, p. 68).

Dado o estilo como Jessé Andarilho escreveu o romance *Fiel*, em notas do seu celular, durante seu deslocamento diário ao trabalho, podemos considerar a obra como uma mistura de um romance social e um romance de formação. Às características do gênero do romance de formação pertence o desenvolvimento biológico e ontológico do protagonista, que passa por vários círculos sociais. O processo da evolução é longo, muitas vezes atribuído ao distanciamento da família devido a um conflito, à crença na sua missão superior e, conseqüentemente, à perda da capacidade de controlar o seu destino. Antes de uma quase certa autodestruição, o indivíduo recebe uma nova chance e um novo papel social para poder voltar para a sociedade (Salgado, 2017, p. 95).

Ao longo da obra, observamos três momentos marcantes para o desenvolvimento da trajetória do Fiel, que iniciam as três diferentes fases dela: o seu companheirismo com pichadores, as saídas ao baile funk, e a vida na rua como catador de latas. O primeiro momento dá-se numa reunião com os pichadores, na qual Felipe muda a sua ideia negativa sobre eles. Neste momento percebe que a pichação vai muito além do grafar rabiscos nas paredes; antes disso, é uma forma da mobilização e socialização, em que são envolvidos indivíduos de várias camadas sociais, não somente os criminosos, mas também representantes de profissões respeitadas, como professores, médicos e até policiais. A introdução de Felipe ao mundo de pichação aconteceu no mesmo dia em que ele usou pela primeira vez uma arma, o que resultou, em contraste com a gravidade da violência, em uma ação meditativa e relaxante (Salgado, 2017, p. 98-99). A intenção do autor do livro foi desconstruir a imagem negativa que a população majoritária tem sobre a arte de pichar, vendo seus artistas como “marginais”. Em contraste, ele apresenta o mundo dos pichadores

como uma vertente da cultura da contemporaneidade, percebendo a arte de pichar como uma das muitas manifestações artísticas que fogem dos padrões elitistas (Reis de Sena, 2018, p. 71).

Logo depois de o protagonista abrir a mente para a pichação, seus amigos o convenceram a ir a um baile funk, evento que os seus pais sempre desaprovavam e nunca o deixavam ir. Os pais sempre o isolavam e ele passava o seu tempo livre dentro do seu quarto estudando, ou na igreja como coroinha. Isto mudou com a separação deles, quando o pai já não tinha mais controle sobre ele e a mãe começou a passar os dias trabalhando. Por este motivo, Felipe decidiu mentir para eles e começou a frequentar o baile todas as sexta-feiras, o que deu início à segunda mudança marcante em sua vida:

Foi a primeira vez que Felipe dançou o passinho do funk fora do seu quarto. Tinha medo de o pai descobrir sua vontade de colocar em prática o que aprendera assistindo os vídeos do YouTube (Andarilho, 2014, p. 191).

Estas noites de baile funk afetam radicalmente sua personalidade e definem sua trajetória; representam um momento fundamental em sua socialização e a oportunidade de conhecer outro grupo de jovens das periferias da cidade do Rio de Janeiro (Salgado, 2017, p. 105-106).

O funk carioca é a atitude de soltar o corpo ao escracho, reinventar o ridículo para transformá-lo em estilo, conforme um texto quase manifesto que defende a sua índole libertária (Hollanda, 2004, p. 1).

O funk carioca, como gênero musical, era desaprovado e perseguido desde os seus inícios até o ano 2009, quando foi institucionalizado como “movimento cultural e música de caráter popular na Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro” pela lei. Esse reconhecimento facilita a sua transformação em assunto de cultura como manifestação cultural da classe trabalhadora (Hollanda, 2004, p. 1-2).

No que diz respeito a violência retratado nesse livro, é interessante destacar que "ao representar uma realidade inaceitável do ponto de vista ético ou político, abre um diálogo com seu conteúdo desarticulado, permitindo assim enxergar uma procura de comunicação abafada culturalmente". (Shollhammer, 2000, p. 256).

Na favela, o gatilho para se envolver com o crime já está meio percorrido. Ou seja, os habitantes são expostos desde muito novos a assistirem às cenas da violência e à presença do tráfico, entre outros crimes cometidos nestes locais. Assim, o fato de ser educado, prover de uma família completa, ser popular, ter um futuro promissor não significa nada. Isso podemos observar na parte do livro, que descreve o tempo mais feliz da vida do protagonista. A trajetória criminosa começa quando os chefes do morro notam o talento para o futebol do protagonista e começam a recompensá-lo pelos sucessos depois de cada jogo vencido. Logo, pelo carisma e por seu talento de sempre dialogar em forma diplomática em todas as situações, Felipe passa a ser nomeado o novo fiel do chefe do morro:

.A partir de hoje, todos os gerentes da favela vão prestar contas das cargas com você.

[...]

Você vai tirar uma comissão maneira de cada carga que for fechada na favela.

[...]

A partir de hoje, o que o menor falar é a mesma coisa se eu tivesse falando. Ele agora é meu fiel. Todos vocês vão prestar as contas das cargas com ele, e vão ajudar no que precisar. Ou melhor, no que ele mandar (Andarilho, 2014, p. 476).

A partir deste momento, observamos na história de Felipe um direto envolvimento com o crime. O autor retrata o ambiente brutal, sem misericórdia, com uma bem-construída hierarquização dos cartéis, (in)existência dos limites dos crimes, assim como crítica abertamente a instalação da unidade da polícia corrupta em Antares. Como refere Salgado, “um quartel de drogas é um sistema ilegal muito complexo, onde, se você quer ser bem sucedido, prosperar e viver, você deve entender perfeitamente como esse negócio funciona” (Salgado, 2017, p. 110). Percebemos que a pessoa com o cargo de fiel tem um poder enorme e muitas responsabilidades. Ele reporta-se diretamente ao dono da favela, deve pagar-lhe semanalmente uma comissão fixa, eventualmente negociar com a polícia corrupta que ocupa o complexo, para manter o tráfico de drogas em movimento e a favela em paz. Para manter a paz e a segurança, deve ser respeitado por todos, que, em um caso extremo, forçou o protagonista a matar um bandido desordeiro como a única forma como afirmar sua posição dominante. Assim, não é suficiente assumir múltiplas personalidades para tratar das negociações dentro e fora do complexo, mas também é preciso atuar muito além dos próprios valores.

Se falhesse neste cargo, o fiel seria um obstáculo indesejável a ser removido: "Na vida do crime é assim. Ninguém é insubstituível. A roleta gira e a favela precisa vender para sobreviver" (Andarilho, 2014, p. 1998). Apesar de Felipe ter tido boas intenções no mundo do crime e ter demonstrado habilidades de gerenciar a favela de uma forma impressionante, o envolvimento com os traficantes deu início à sua queda social. Essa chegou no momento em que economia do tráfico não estava indo bem, estando com perdas, o que os chefes do morro começaram a notar. Isto fez com que Felipe deixasse a comunidade, perdesse sua casa e seu amor Jéssica e acabasse na rua. Ele tornou-se viciado em substâncias tóxicas e juntou-se a grupos marginalizados, concentrados pelas áreas da Cracolândia, que viviam da coleta de latas para que todos juntos pudessem fumar *crack* no final da noite. Caído ao ponto mais baixo da sociedade, foi recolhido num abrigo, onde foi "capturado como um cão sem coleira" (Andarilho, 2014, p. 2151), tendo-se tornado uma ameaça para a saúde pública. Cheio de medo e privação, ele foge do abrigo de toxicodependência e pensa em suicidar-se, mas, por fim, foi-lhe dada uma chance de recomeçar. Finalmente, e ele encontra uma velha conhecida da igreja evangélica que o recebe em sua casa e dá esperança para o fiel voltar e recomeçar a sua vida.

No que diz respeito ao tema de violência, o livro pertence ao tipo de narrativa contemporânea. Assim, a violência em literatura é apresentada sob a ótica de Karl Eric Shollhammer, "ao representar uma realidade inaceitável do ponto de vista ético ou político, abre um diálogo com seu conteúdo desarticulado, permitindo assim enxergar uma procura de comunicação abafada culturalmente" (Shollhammer, 2000, p. 256).

Em uma perspectiva sociológica, a violência urbana, bem como os diversos tipos de violência existentes, é considerada como uma peça intrínseca de toda a sociedade. Durkheim aponta para a importância de examinar a violência como um fato social, sendo ela um resultado de vários outros problemas da nossa sociedade como a desigualdade social e condições econômicas desfavoráveis. Assim, o uso da violência decorre de uma necessidade de afirmação do poder, que esses cidadãos têm de acordo com a sua realidade de vida, dentro da sociedade. (Durkheim, 2002, p. 11).

Jessé Andarilho apresenta a face violenta da cidade que tem suas raízes na indiferença, no esquecimento e no abandono da camada pobre pelo Estado, no julgamento injusto da classe social desfavorecida pelos grupos superiores, no livro representados pela polícia. É esta

atitude que “marginaliza a pichação, o funk, o rap e todos os favelados” (Reis de Sena, 2018, p. 71).

Podemos assumir que a intenção do autor é apresentar estas classes desfavorecidas em uma perspectiva diferente da que é comumente usada pelas mídias. Em sua narrativa, ele tenta quebrar alguns estereótipos sobre esse grupo social, querendo mostrar ao leitor que esse grupo também tem potencial para narrar próprias histórias. Quer mostrar que as crianças e os adolescentes das favelas não nascem criminosos, tal como percebido pela sociedade do “asfalto”, ou seja, pelas classes média e alta. Em vez de serem vilões ou vítimas, no seu livro recebem voz e um novo papel como protagonistas das próprias histórias. O personagem principal, o jovem Felipe, é um “bom moço” que tem um perfil de uma pessoa com potencial para crescer e sair de favela, mesmo assim, ele se envolve no crime que existe nesse lugar. Com sua visão ideológica e motivos nobres, como sentimentos de lealdade, amizade, coragem e o desejo de melhorar a realidade da favela de Antares, ele não está preocupado com o crime nem com a lei nas favelas, e desempenha o papel do “protetor da comunidade”. Mesmo assim, porém, ele sofrerá as consequências de ser da favela.

3.2.3 Linguagem

O romance *Fiel* apresenta aspectos interessantes que podem ser analisados sob a perspectiva linguística. Jessé Andarilho apresenta a cidade do Rio de Janeiro sob seu próprio olhar, aproximando seu ambiente através de uma linguagem coloquial, típica do complexo Antares, onde decorre a maior parte da narrativa. Ele utiliza a linguagem informal, que “é despreocupada com as regras determinadas pela norma culta, permite o uso de gírias e expressões regionais e é empregada por falantes que estejam em uma situação de convívio familiar ou entre amigos”. (Pimentel, 2006, p. 10). Nesse aspecto, percebe-se que o autor optou por manter o registro informal de fala em que os chamados *desvios* da linguagem são mais frequentes em situações de fala cotidianas, ou seja, quando o falante não segue uma determinada regra gramatical. Cabe destacar que “a gramática tradicional despreza totalmente os fenômenos da língua oral e quer impor a ferro e fogo a língua literária como a única forma legítima de falar e escrever com a única manifestação linguística que merece ser estudado” (Bagno, 1999, p. 57).

Vejamos agora alguns desvios da norma culta, que aparecem no livro, a nível morfológico, lexicológico e sintático. Como o primeiro exemplo, podemos mencionar o trecho seguinte: “— Colé, menor, tá cego? Calma aí, tô ligado na tua. Foi tu que jogou as Olimpíadas Escolares na seleção daqui, né?” (Andarilho, 2014, p. 177). A palavra *colé*, que na norma culta significa “qual é”, é uma ocorrência muito comum no dialeto carioca, em que “qual é” é pronunciado de maneira rápida, formando a expressão *colé*. Além disso, observamos o uso das palavras *tá* e *tô*, havendo um desvio da norma padrão que deveria ser “está” e “estou”. Outro desvio gramatical é o uso da expressão *né*, que na norma padrão seria “não é”.

Outra passagem em que há desvios gramaticais da norma culta da língua portuguesa é a seguinte: “— Qual foi, ‘mão? Sou bandido da favela. Meto bala nos polícia, milícia e nos alemão. Qual foi do bagulho?” (Andarilho, 2014, p. 807). Observamos aqui a falta da marca do plural dos substantivos „-s“ (*nos polícia, milícia e nos alemão*), uma vez que pela norma culta a grafia correta seria “nos polícias, milícias e nos alemães”. Contudo, a supressão da marca do plural é bastante comum em situações informais de fala no português brasileiro.

É possível observar que, sob o aspecto lexicológico, o romance *Fiel* apresenta uma grande variedade de desvios da norma culta no vocabulário, como por exemplo palavras de baixo calão, de gírias e termos próprios da linguagem do mundo do crime. No que se refere às palavras de baixo calão, podemos extrair este trecho: “Menor, você é foda pra caralho! Daqui pra frente você vai ser meu fiel” (Andarilho, 2014, p. 807). Há aqui presença de duas palavras de baixo calão: *foda* e *pra caralho*. A primeira palavra se refere ao ato sexual de forma vulgar. Contudo, essa expressão é utilizada como adjetivo, indicando que o menor é muito bom, extraordinário. Trata-se de uma palavra de baixo calão usada normalmente em situações informais de fala, não sendo bem recebida em contextos formais. A palavra *caralho* se refere ao órgão sexual masculino, e a expressão *pra caralho* indica algo em abundância, ou seja, na frase significa que o menor era muito extraordinário.

No que refere-se às gírias presentes no livro, percebe-se que a obra apresenta uma grande quantidade de termos, citando como exemplo o seguinte trecho: “— Ô rapá, eu sou bandido nessa porra, sou o Kiko Boladão! Se tu ficar olhando pra mim vou te comer na porrada e vou dá um tiro no seu pé, seu cuzão”. (Andarilho, 2014, p. 807). Nessa passagem, é empregada a expressão popular brasileira *rapá*, usada em contextos informais de fala quando não se sabe o nome de uma determinada pessoa, sendo uma forma rápida de dizer rapaz. Há ainda

a expressão *cuzão*, empregada para indicar que um determinado indivíduo é de mau caráter e não inspira confiança.

Em outra passagem do livro, é possível observar o uso das palavras *playboy* e *viado*: “— Tu me chamou de quê? Playboy viado?” (Andarilho, 2014, p. 808). A palavra *playboy* é um empréstimo de inglês, usado de forma pejorativa para indicar um indivíduo rico, mimado e que tem uma boa condição social. Já a expressão *viado* é usada para indicar a orientação sexual de um determinado indivíduo que tem atração por pessoas do mesmo gênero, ou seja, homossexual.

Quanto ao uso de termos próprios do mundo do crime, há no livro uma quantidade considerável de expressões, contudo, serão citadas só as mais comuns. Vejamos, por exemplo, o trecho “— Corre, corre! Sujou, os canas estão vindo ali no beco!” (Andarilho, 2014, p. 436). A palavra *cana* é usada para referir-se à polícia; a palavra *beco* significa um lugar de venda das drogas.

Como outro exemplo serve a frase: “Graveto contou que também já havia sido fiel, só que de uma forma diferente”. (Andarilho, 2014, p. 480). A expressão *fiel*, que figura também como o título da obra analisada, é usada para denominar o indivíduo que presta serviço aos traficantes do Rio de Janeiro, geralmente um menor de idade que ingressa no mundo do crime.

Embora existam passagens com desvios gramaticais, empregos de gírias e expressões que são diferentes do que entende-se por norma culta da língua portuguesa, principalmente observados nos diálogos entre as personagens, no livro também é possível observar passagens considerada corretas pela gramática normativa, como por exemplo:

[...] Com os olhos cheios d’água, seu Hélio abriu um sorriso e deu um forte abraço no garotão. O questionário virou uma conversa entre dois amigos de verdade. O pai contou sobre sua infância triste e isso, de alguma forma, fez Felipe enxergá-lo de outro ponto de vista (Andarilho, 2014, p. 492).

Nessa passagem narrada pelo narrador onisciente, percebe-se que não existe nenhum desvio gramatical com relação à norma culta da língua portuguesa.

Nesse sentido, é importante destacar que muito além da linguagem, a literatura periférica possibilita denunciar a realidade dos grupos marginalizados, contribuindo assim para a

defesa dos direitos humanos, gerando questionamentos, e por vezes, promovendo ações concretas contra as injustiças sociais.

3.3 O livreiro do Alemão, de Otávio Júnior

3.3.1 Informações sobre o autor e a obra

Otávio Junior, autor da obra intitulada *O livreiro do Alemão*, publicada em 2011, é um escritor, ator, contador de histórias e produtor de teatro no Rio de Janeiro. Ele ficou mais conhecido como livreiro do Alemão quando decidiu por conta própria fundar a primeira biblioteca em duas favelas do Rio de Janeiro, sendo uma delas no Complexo do Alemão. (Vasconcelos e Ramos, 2021).

O autor fez um trabalho de suma importância no sentido de criar projetos de leitura nas favelas do Rio de Janeiro, que contribuíram para a democratização da leitura nessas comunidades, cujos habitantes muitas vezes não encontram meios de acesso para desfrutarem de livros ou até mesmo um maior incentivo que desperte neles o interesse pela leitura.

Otávio Junior nasceu em 1983, e foi criado no Morro do Caracol, uma favela do Complexo da Penha, localizada na Zona Norte do Rio de Janeiro. Em uma entrevista para o jornal *Gazeta do Povo* (2016), Otávio Junior comenta que uma das situações que mais observava no seu entorno, principalmente nos seus amigos de infância e em outras gerações que foram nascendo na comunidade, era que essas pessoas não tinham uma perspectiva do futuro nem planejavam o que queriam ser quando já estivessem na fase adulta. Otávio Junior criou diversos projetos relacionados aos livros, estimulando nos jovens o interesse pela leitura, bem como disponibilizou obras às quais as pessoas da comunidade pudessem ter acesso, atendendo a diversas pessoas ao longo dos projetos (*Gazeta do Povo*, 2016).

O gosto pela leitura e um olhar mais atento sobre o contexto em que Otávio Junior estava inserido deram vazão à sua criatividade e habilidade literária. Otávio Junior é autor de obras que retratam a vida na comunidade, as suas dificuldades e as formas de encarar a vida dos seus habitantes. Assim, as obras como *O Garoto da Camisa Vermelha* (2013) e *O Chefão Lá do Morro* (2013), do gênero ficção gay, são ambientadas na favela, trazendo personagens

características da realidade periférica do Rio de Janeiro (*Gazeta do Povo*, 2016). Ele é também autor de literatura infantil.

O Livreiro do Alemão é uma narrativa de cunho autobiográfico. No capítulo 1, intitulado “O primeiro livro“, Otávio Junior narra um acontecimento muito importante e decisivo na sua vida. Quando era ainda criança, após sair da igreja, ele um dia decide desviar do caminho que costumava fazer e passa por um campo de futebol e, nessa ocasião, avista um depósito de lixo, encontrando lá uma caixa de briquedos. Ele fica bastante maravilhado e consegue resgatar desse local um livro que tinha como título *El Gatón*. Logo de início, o livro não desperta muito o seu interesse, mas em um determinado dia, após faltar a energia elétrica na casa em que ele vivia e ele não poder assistir à novela que costumava ver, ele então resolve ler o livro. Assim, após essa primeira leitura, seu interesse pela literatura fica cada vez mais forte, tanto que ele começa a pedir livros emprestados de pessoas próximas e da biblioteca da escola, sendo esse o único meio para ele ter acesso a leitura (Júnior, 2011).

Otávio estava tão interessado em literatura que cogitou a ideia de ser escritor, mas quando mostrou o seu trabalho a uma editora, seus textos não foram aceitos. Embora ele não tivesse obtido sucesso nessa primeira tentativa de tentar publicar as suas produções, Otávio Junior não desistiu. Ele começou a sua carreira no teatro e, dentro desse meio, ele produzia os textos das peças que seriam encenadas, passando a levar o teatro para as escolas que recebiam muito bem o seu trabalho. Ao longo do tempo, suas atividades com o teatro intensificaram-se, com muitas apresentações em diversas escolas. Assim, Otávio optou por interromper os seus estudos e começou a frequentar muitos eventos e cursos literários. Ele passou a escrever histórias infantis, porém, seu trabalho não foi aceito por nenhuma editora. Essa situação não fez com que ele desistisse de ser escritor, ao contrário, ele começou a procurar diversas gráficas para patrocinar sua primeira publicação (Júnior, 2011).

Já na primeira gráfica, um homem chamado Cláudio gostou do seu trabalho e disse que imprimiria o livro de graça, caso encontrasse alguém para fazer a revisão e as imagens que iriam compor a obra. Assim, ele conseguiu a impressão sem custo e seus livros começaram a serem lançados e vendidos em escolas. Após esse episódio, Otávio sentiu a necessidade de levar a leitura para o seu entorno, ou seja, nas comunidades periféricas do Rio de Janeiro. Assim, lança projetos muito interessantes, sendo o primeiro “Ler é 10“, que ganha uma repercussão nacional, prêmios, participação na imprensa, além de conseguir apoio de outras

instituições. É por meio desses projetos que Otávio consegue dar às pessoas dessas comunidades mais acesso à leitura, sendo esta uma oportunidade para que elas possam mudar a sua própria história de vida (Júnior, 2011). Como forma de reconhecimento, em 2020 o autor ganhou o prestigioso prêmio Jabuti, na categoria livro infantil, com a obra *Da Minha Janela*, publicada em 2019 pela Companhia das Letras.

3.3.2 Análise temática

As obras de Otávio Junior, incluindo *O Livreiro do Alemão*, todas têm suas trajetórias narradas e ambientadas nas favelas do Rio de Janeiro. Suas personagens vivenciam uma realidade à margem da sociedade, passando por um contexto marcado pela violência, pela atuação policial, pelo tráfico de drogas e sobretudo pela invisibilidade e exclusão por parte do poder público.

Em uma perspectiva sociológica, a violência urbana, bem como os diversos tipos de violência existentes, é considerada como uma peça intrínseca de toda a sociedade. Segundo essa visão, Durkheim considera que a violência deveria ser examinada na interpretação de um fato social, sendo esse o resultado de vários outros problemas da sociedade como a desigualdade social, condições econômicas desfavoráveis, e, assim, o uso da violência decorre de uma necessidade de afirmação de poder que esses cidadãos têm de acordo com a sua realidade de vida dentro da sociedade. Entende-se como fato social:

[...] toda maneira de agir fixa ou não, suscetível de exercer sobre o indivíduo uma coerção exterior; ou então ainda, que é geral na extensão de uma sociedade dada, apresentando existência própria, independente das manifestações individuais que possa ter. (Durkheim, 2002, p. 11).

Um dos principais temas abordados logo no início de *O Livreiro do alemão* é o descaso por parte do poder público em relação ao espaço da comunidade, que nem contava com serviços de coleta de lixo: "O entorno era um grande depósito de lixo. Não havia serviço de coleta na comunidade. Todo o lixo era queimado ali mesmo" (Júnior, 2011, p. 10).

O autor descreve a falta de condições de sobrevivência dessas pessoas, uma vez que se aproveitavam de objetos que achavam no lixo, descartados por pessoas com melhores condições de vida, incluindo brinquedos para as crianças:

De repente, vi uma caixa de brinquedos quase novos. Devo ter dado um grito de surpresa, de espanto, alguma coisa assim. Esse foi o meu erro. Todos que estavam em volta do campo ouviram e correram em minha direção. Os brinquedos só podiam ser de um menino com melhores condições de vida, que morava no pé do morro (Júnior, 2011, p. 10).

Na terceira parte do livro, denominada como “O jardim secreto“, descreve-se a dura realidade das pessoas menos favorecidas, que precisavam trabalhar diariamente para garantir o seu sustento, aceitando trabalhos extras por causa de a renda não ser suficiente: "Meu pai, Otávio, sempre foi um cara exemplar. Dava amor, carinho, atenção. Trabalhava como metalúrgico numa empresa que fazia barras para caçambas de picapes. Nos fins de semana, fazia bicos como pedreiro e pintor" (Júnior, 2011, p. 16).

Dois fatores muito presentes na realidade da periferia são a ausência da figura paterna e a violência doméstica. Eles tornam-se frequentemente motivos para as crianças abandonarem a casa e a escola, buscando abrigos nas ruas: "A violência doméstica é o que mais faz as crianças procurarem a rua. Tive muitos amigos que viveram essa situação. Elas apanham e querem ficar longe de casa. Começam a alternar a escola com a rua. Depois abandonam a escola e ficam só na rua. São presas fáceis, ainda mais porque a ausência da figura partena é muito grande" (Junior, 2006, p. 16).

Nas favelas costuma haver um espaço muito reduzido para uma família inteira habitar, havendo a necessidade até mesmo de dividir a mesma cama, conforme exposto nessa passagem do livro: "Morávamos num quarto e sala e dormíamos todos amontoados em uma única cama" (Júnior, 2011, p. 17).

No capítulo intitulado como Tá vendendo picolé?“, há um trecho muito emblemático quanto a realidade periférica e os seus modos de sobrevivência. . O autor relata que estava descendo o morro para ver um amigo, mas encontrou um traficante que lhe tentou demonstrar a sua superioridade enquanto um morador que estava a serviço do tráfico, ocupação que lhe permitia usar roupas de marca, diferentemente de Otávio que vestia uma roupa rasgada: "Um dois garotos, que já atuava com os traficantes, me mandou parar. Ele estava rodeado de outras pessoas. - Olha a minha roupa, é toda da Redley, e olha a sua! - apontou para o furo em minha camisa" (Júnior, 2011, p. 19).

O autor assim aponta para o fato de que desde muito cedo os jovens nas favelas começam a trabalhar para o tráfico de drogas, podendo assim comprar coisas caras e ganhar respeito no coletivo, além de poderem ajudar a mãe, uma vez que a figura paterna é ausente em grande parte dos casos: "Geralmente são menores que vendem a droga no varejo. É assim que eles ganham dinheiro para ajudar a mãe (é incrível o número de mulheres abandonadas pelos parceiros), para comprar roupas de grifes famosas e sair com as "tchutchucas" [...] para ganhar respeito e para sustentar o próprio vício" (Júnior, 2011, p. 19).

No mesmo capítulo, o autor comenta que os jovens que trabalham para o tráfico também têm outras atribuições, como, por exemplo, ser uma espécie de olheiro e, portando armas, avisar quando um visitante indesejado chega no morro, sinalizando através de rojões: "[...] "fogueteiros", que ficam em entradas estratégicas dos morros e sinalizam com rojões 12 por 1 a chegada dos "canas" ou de uma gangue inimiga. Todos se sentem mais poderosos porque desfilam pela comunidade com armas potentes" (Júnior, 2011, p. 20).

A violência urbana é uma problemática social que se tem expandido nas cidades, em maior grau nas favelas. A origem da violência urbana deveria ser analisada em relação ao fato como a sociedade brasileira é constituída, levando em conta os seus valores sociais, econômicos e políticos. Dessa forma, a violência "pode traduzir-se em termos religiosos, nacionais ou étnicos, problemas de pobreza, ou frustrações, ou amalgamam-se a eles, combinando significações sociais e culturais" (Wieviorka, 1997, p. 35).

Além da desigualdade social, as instituições presentes na sociedade também contribuem para a violência, criando internamente mecanismos coercitivos para que os indivíduos sigam as leis existentes na sociedade e, caso isso não ocorra, a polícia, por exemplo, pode fazer uso da força ou violência de forma legítima, nesse sentido cabe destacar:

A vasta lista de ações policiais catastróficas que aconteceram, por exemplo, durante o período ditatorial, onde as prisões ilegais e a tortura institucionalizada eram fortemente usadas e, acontecem cotidianamente por todo o país, parece reforçar o entendimento de que o Estado usa da força para controlar socialmente e, com isso, manter e defender os interesses da classe burguesa. (Martins, 2017, p. 98).

Assim, percebe-se que são diversos os fatores que contribuem para que o fenômeno da violência esteja presente na sociedade brasileira, tanto em grandes metrópoles como em

municípios do interior. O fator mais relevante, porém, é a desigualdade social entre os cidadãos, que impulsiona o uso da violência tanto pelos indivíduos quanto pelo Estado.

Contudo, o destino dessas pessoas que estão a serviço do tráfico de drogas costuma ser cruel, pois eles são presos ou mortos. O próprio o autor presenciou a perda de vários amigos que viviam na comunidade:

Já nem sei dizer quantos garotos que conheci na minha infância e adolescência estão presos ou foram mortos. Eles fizeram as suas próprias escolhas. Prometi que um dia o rapaz da Redley veria a minha vitória. Só lamentei que ele não estivesse mais vivo quando esse dia chegou (Júnior, 2011, p. 20).

De acordo com os dados extraídos do Anuário Brasileiro de Segurança Pública (FBSP, 2019), o Nordeste foi a região que apresentou um maior índice de violência no Brasil em 2018, com uma porcentagem de homicídios de 44,1 por 100 mil habitantes. Quanto à região Sul, esta aparece com um menor percentual de violência, apresentando um índice de 19,6. Além disso, é apresentado nesse relatório uma redução quanto ao número de mortes violentas intencionais (MVI). Contudo, de acordo com as pesquisas do FBSP (2019), cabe destacar que esses valores ainda são consideravelmente elevados, sobretudo comparando com índices de outros países subdesenvolvidos.

Outro fato que o autor observa é que os livros não fazem parte da realidade das favelas, nem tampouco há livrarias que fiquem perto das comunidades periféricas do Rio de Janeiro, conforme observa Otávio Junior:

A livrara mais próxima de minha casa fica a 10 quilômetros. E olha que eu moro bem no pé do morro. A distância da biblioteca mais próxima é um pouco menor. Uns 3 quilômetros. Ou seja: o livro é algo distante [...]. Muitas crianças crescem nesse ambiente e não têm oportunidade de experimentar outros movimentos culturais. Nunca foram ao cinema, ao teatro, ao circo (Júnior, 2011, p. 27).

Assim, há uma falta de oportunidade para as crianças periféricas terem contato com a leitura, que não é algo tão acessível dentro do ambiente em que vivem nem tampouco estimulado pelos próprios pais. Nesse aspecto, Candido (1995, 125-126) cita alguns estudos que discorrem sobre como as pessoas não elitizadas são capazes de consumir grandes obras, mas o que lhes falta são oportunidades. Conforme aponta Candido, a boa literatura tem alcance universal e o benefício de esclarecer e libertar o leitor. Este benefício torna-se um direito que não deveria ser negado a ninguém, pois, assim como o indivíduo precisa de moradia,

lazer, alimentação e direitos básicos que proporcionem uma vida digna, da mesma forma também deveria ser ofertada a ele a literatura e a arte como pressupostos para a humanização (Candido, 1995, p. 125-126).

Portanto, como o acesso à arte e a literatura é um direito inegável, em uma sociedade justa não deveria haver uma divisão de obras conforme esferas sociais, pois, como defende Mário de Andrade, as criações populares foram fontes das eruditas (Candido, 1995, p. 125-126).

Contudo, é um fato que na sociedade brasileira, o acesso à literatura é um problema recorrente, sobretudo para as classes menos favorecidas. Nesse sentido, o Estado consegue trazer soluções paliativas para o problema de acesso às obras literárias, como a disponibilização do acervo ao público as bibliotecas municipais, por exemplo, mas isso não é o suficiente. Assim, o investimento público na educação a longo prazo, bem como a reestruturação do ensino escolar são alguns dos caminhos cruciais para mudar o cenário do país, conforme observa o autor de *O livreiro do Alemão*: "Embora 90% das crianças estejam nas escolas, o analfabetismo funcional é a grande realidade. Por seis anos tivemos no Rio de Janeiro o sistema de aprovação automática e os reflexos estão aí até hoje" (Júnior, 2011, p. 27).

Nesse sentido, trabalhos sociais de incentivo a leitura como os que foram feitos por Otávio Junior e que são relatados no livro *O livreiro do Alemão*, tem uma grande relevância para dar oportunidade para as pessoas que vivem na comunidade o acesso a leitura, uma vez que:

O tráfico de drogas é a referência de mundo adulto para a maioria dos jovens que moram nos morros. As boas referências estão muito longe dali. Trabalho para que as crianças não se envolvam com a criminalidade. Com a leitura eu dou uma opção de novas possibilidades e perspectivas para o futuro delas. (Júnior, 2011, p. 27).

3.3.3 Linguagem

No que diz respeito à linguagem empregada em *O Livreiro do alemão*, é possível perceber que no livro há o uso de uma linguagem mais informal, não tão preocupada com a utilização da norma padrão, aproximando assim o leitor da realidade das favelas. É visível a presença de termos que são rotineiramente usados no contexto de uma região da periferia do morro

do Rio de Janeiro, em alguns dos capítulos do livro. Dessa forma, esse uso de uma linguagem informal refere-se às variações linguísticas existentes no Brasil, destacadas por Bagno: “a língua varia tanto quanto a sociedade varia, que existem muitas maneiras de dizer a mesma coisa e que todas correspondem a usos diferenciados e eficazes dos recursos que o idioma oferece a seus falantes”. (Bagno, 1999, p. 16) Segundo Bagno, a chamada norma linguística é inacessível para muitas pessoas no Brasil:

Se formos acreditar no mito da língua única, existem milhões de pessoas neste país que não têm acesso a essa língua, que é a norma literária, culta, empregada pelos escritores e jornalistas, pelas instituições oficiais, pelos órgãos do poder — são os sem-língua. (Bagno, 2003, p. 16).

De acordo com o autor citado, no Brasil, o uso distinto dos falantes do português brasileiro é ocasionado sobretudo pela extensão do seu território, o que repercute em diferenças que variam para cada região e pela desigualdade social relacionada com a distinção das variedades não-padrão e a norma culta da língua portuguesa falada no Brasil (Bagno, 1999, p. 16).

Outro elemento que está presente no livro são as gírias, tanto aquelas só usadas pelos que vivem nos morros, quanto aquelas usadas geralmente por brasileiros em contextos informais de fala. Como exemplo do segundo tipo podemos indicar a expressão *xepa*: "de tanto mexer o lixo, alguns amigos começaram a me chamar de xepa" (Júnior, 2011, p. 12). Essa expressão é muito conhecida popularmente, referindo-se a alimentos ou produtos baratos que podem ser encontrados no final de uma feira. Outro exemplo pode ser a expressão *rala peito*, que significa sair ou ir embora de algum lugar: "Acabou o juvenil! O Juningo pode ficar... O resto rala peito!" (Júnior, 2011, p. 13).

Há ainda expressões que são próprias das comunidades e que apenas uma pessoa que vive nesse ambiente entende em sua totalidade, como, por exemplo, a palavra “tchutchucas”, que o próprio autor escreve entre aspas no texto, procurando explicar ao leitor de fora o que significa esse termo: "[...] e sair com as "tchutchucas" (como são chamadas as gatoras que usam roupas sensuais e dançam de forma provocante nos bailes funks)" (Júnior, 2011, p. 19).

Outra expressão utilizada no livro é *dar um teco*, gíria essa muito presente em uma realidade de uso de drogas em que os viciados cheiram a cocaína ou fazem uso de algum tipo de droga: "Depois, já viciados, precisam trabalhar para "dar um teco" (Júnior, 2011, p. 19).

No capítulo "Tá vendendo picolé?", o autor ainda usa a expressão *fogueteiros*, também muito usada em regiões periféricas principalmente dominadas pelo tráfico de drogas. O autor procura, após o uso dessa expressão, explicar o seu significado: "fogueteiros, que ficam em entradas estratégicas dos morros e sinalizam com rojões 12 por 1 a chegada dos "canas" ou de uma gangue inimiga" (Junior, 2011, p. 20).

Além disso, há nesse trecho citado o uso da expressão *cana*, que, da mesma forma, está muito presente no contexto de comunidades periféricas e que é usada para indicar a chegada da polícia nesses locais.

Também cabe destacar que o ambiente retratado na obra, mais precisamente a favela, marcado pela desigualdade social acaba por existir um verdadeiro abismo como relação as variantes não-padrão do português-brasileiro:

Essas graves diferenças de status social que explicam a existência, em nosso país, de um verdadeiro abismo linguístico entre os falantes das variedades não-padrão do português brasileiro – o que a maioria de nossa população – e os falantes da (suposta) variedade culta, em geral, mal definida, que é a língua ensinada na escola (Bagno, 1999, p.16).

Assim, percebe-se no livro uma recusa em usar a gramática normativa, sendo essa uma questão relacionada a forma de representação do mundo da literatura periférica, conforme aponta Hollanda:

A recusa das "formas sérias do conhecimento" passa a configurar um traço importante e crítico de uma experiência de desencena em relação à universalidade e ao rigor das linguagens técnicas, científicas e intelectuais. E essa atitude anti- intelectualista não é apenas uma forma preguiçosa ou ingênua, mas outra forma de representar o mundo (Hollanda, 2004, p. 111-112).

Assim como a língua falada, a escrita existe principalmente com o propósito de apresentar conceitos e ideias. Porém, para isso, a língua escrita sempre passa (pelo menos parcialmente) pela língua falada, enquanto a língua falada não tem que usar a língua escrita como estágio intermediário. Em nenhum caso, porém, a escrita está completamente subordinada ao

discurso oral. De muitas maneiras, a escrita tem vida própria e se desenvolve independentemente da língua falada.

Comparando com as obras analisadas anteriormente, em *O livreiro do Alemão* não encontramos uma grande quantidade de palavras específicas relacionadas a uma linguagem periférica, por exemplo de baixo calão. A razão pode ser vista no fato de se tratar de uma obra em que o autor oferece um relato autobiográfico da sua experiência de vida e da tentativa de levar o gosto pela leitura para comunidades periféricas. Não se trata, de uma obra em que falas, cenários e personagens são construídos ao longo da narrativa, na qual seria preciso manter a autêntica fala coloquial desse contexto.

3.4 Traços comuns presentes nas obras *O sol na cabeça*, *Fiel*, *O livreiro do Alemão*

No último momento deste capítulo serão observados os traços comuns da literatura marginalizada nas três obras escolhidas. Foi observado que, embora os livros sejam de gêneros e periferias diferentes, existem semelhanças que os ligam a todos. Passemos então a resumir estes traços comentados nos capítulos antecedentes.

3.4.1 Época do surgimento

O primeiro fator que liga as obras é a época do surgimento. Todas as três obras surgiram na mesma década de 2010. Os três escritores foram influenciados por alguns dos porta-vozes da nova geração de autores marginalizados, como Ferréz, Sacolinha ou Paulo Lins. Os autores analisados decidiram tomar iniciativa neste movimento cultural-literário, que surgiu na década 90 do século passado. A maioria dos representantes e ativistas dessa geração são concentrados nas periferias paulistas. No entanto, os autores Martins, Andarilho e Júnior são uns dos primeiros ativistas representantes do contexto da cidade do Rio de Janeiro. Eles contribuem para o desenvolvimento na área cultural das periferias, através das iniciativas que eles próprios organizam e que inspiraram o surgimento de outras novas vozes.

3.4.2 Representação do território da favela carioca

O traço principal, que junta os três livros, é o ambiente das favelas cariocas no qual a maior parte das histórias está inserida. Apesar de serem favelas de regiões diferentes da cidade do Rio de Janeiro, em todas as obras descrevem-se condições e níveis de vida semelhantes nestes locais, marcados pela pobreza, violência e injustiça, entre outros. Através do conjunto desses traços, as obras apresentam um retrato objetivo das favelas, inseridas na cidade do Rio de Janeiro, e dos costumes típicos dos moradores dessas localidades, sob uma perspectiva completamente autêntica. Nas obras percebemos que a periferia urbana é uma unidade que se constitui pelo próprio espaço e pelas histórias que estão presentes dentro dela. O seu narrador é um *locus* social de um grupo produtor de discursos auto-afirmativos, que falam sobre si próprios.

No romance *Fiel*, de Jessé Andarilho, o centro da cidade do Rio de Janeiro, a favela de Antares e o trânsito entre estes locais são elementos construtores da história, transformando a visão sobre a cultura marginal. A favela não é um espaço estático onde se desenvolve uma história, mas sim um agente quase com uma personalidade própria, fazendo com que as personagens ajam de acordo com as regras que ela impõe. Por exemplo, foi este o motivo por que o religioso Felipe foi forçado a matar um bandido, seguindo um dos códigos da favela: agir sem misericórdia. A urbe é descrita como um lugar vivo, com muitos conflitos, jogos de poder, dominância do tráfico de drogas sobre as periferias, como um lugar onde o povo comum é sujeito às instabilidades cotidianas e à violência constante e imprevisível desses espaços.

Além da captação do panorama de várias favelas cariocas e do espaço urbano da rua, na coletânea de contos *O sol na cabeça*, de Geovani Martins, encontramos contos que se passam na praia ou dentro de casas. Também os contos inseridos nesta obra, bem como o romance *Fiel*, ficcionalizam elementos de duras realidades vivenciadas por sujeitos de diversas periferias.

O livro autobiográfico *O livreiro do Alemão*, de Otávio Júnior, é baseado na própria experiência vivida pelo escritor, descrita com mínima ficcionalização. Quase toda a história se passa nos morros do complexo do Alemão, o local onde ele nasceu e foi criado. A narração autobiográfica é baseada em uma constante movimentação entre várias instituições

educacionais. As viagens no ambiente inseguro da favela são retratadas de uma forma vívida e bastante descritiva para que o leitor possa imaginar bem a insuficiência dos serviços nesses espaços públicos, como a falta da infraestrutura das escolas nos bairros populares, causada pela indiferença do governo.

Assim, apesar destes livros retratarem o contexto de diferentes favelas, observamos neles uma perspectiva específica em relação a estes espaços, como se fossem de “outra geografia”. A questão da territorialidade é vista neles como problemática, sendo um obstáculo para o sistema iniciar o desenvolvimento destes locais.

3.4.3 O tema da violência urbana

A violência é um problema muito presente na sociedade brasileira, apresentando altos índices na atualidade, tanto no que se refere à violência doméstica, quanto a atos violentos praticados nas ruas, como por exemplo roubos e homicídios, ocorridos não apenas nas grandes metrópoles. Em um estudo publicado pelo *Atlas Violência (2021)*, aponta-se que “os números variaram de 10 a 42,7 homicídios por 100 mil habitantes” (Cerqueira, 2021, p. 16).

As obras analisadas no capítulo anterior não têm em comum somente o cenário violento de espaços urbanos dominados por facções criminosas envolvidas com o tráfico de drogas, o que representa uma violência muito complexa. No foco desses livros encontramos também os dramas vividos pelas personagens que estão em contato com essas situações de violência. Ao ler as histórias, entende-se um sentimento de insegurança e de medo que atravessa as personagens expostas a esta realidade no seu cotidiano. Reis (2005) compara a grave situação da violência no Brasil à uma guerra, na qual ninguém ganha, só todos perdem. Várias pessoas perdem a própria vida, as crianças perdem sua infância e juventude, perdem-se oportunidades de desenvolvimento e crescimento. Isso entende-se muito bem nas narrativas selecionadas, porque a maioria das personagens são crianças, adolescentes ou jovens adultos. Assim, curtos momentos de alegria nas suas vidas sempre são destruídos de alguma forma violenta - seja pela violência de ruas ou pela violência doméstica, pela pobreza, pela percepção da falta de possibilidades, quando eles descobrem que não têm lugar na sociedade. A mais, a camada mais baixa da sociedade perde a dignidade.

A problemática da violência física ou simbólica acompanha assim a vida em si na periferia. Pode aparecer inesperada, sob a forma de um ataque ou de um tiroteio interrompendo as pequenas rotinas diárias, como sair de casa ao trabalho, andar pela rua com um amigo, num trabalho indigno de uma mãe que mal consegue pagar as contas da família inteira. Na forma simbólica, a violência aparece, por exemplo, na hesitação sobre como melhor investir os dois reais restantes na bolsa – numa coxinha para matar a fome ou no bilhete de ônibus para voltar à casa no trânsito que demora duas horas, durante o qual arrisca ser atacado pela polícia, provavelmente só por causa da cor da sua pele e classe social. A violência também determina a vida de uma criança crescendo sem pai que morreu como ora um participante ou ora um vítima do crime. Ou , de forma física, um pai presente que agride a mãe em frente das crianças. Estes são alguns dos aspectos, aos quais os autores apontam.

Nos anos recentes, com o aumento da popularidade da produção sobre a periferia, nomeadamente no cinema, podemos observar uma certa folclorização e banalização da problemática dos marginalizados, por fins de entretenimento. Simultaneamente, várias atividades literárias e culturais, como os slams de poesia, saraus e hip-hop, ecoam uma mudança, que está muito além da tentativa de mostrar a violência, que está na “moda”. O lugar da violência nos livros da literatura marginal desempenha um papel crucial, através dela os autores criticam a sociedade brasileira como um todo. O objetivo deles é fazer o leitor questionar-se e mudar o seu pensamento sobre a periferia e seus habitantes.

3.4.4 O tema da educação

A questão da educação desempenha um papel importante nas obras escolhidas, visto que é um tópico de discussão na periferia. A educação oficial pode parecer como um sistema ineficaz, que não tem muito a ver com a realidade das zonas populares e as necessidades do povo. Nas obras selecionadas, a escola desempenha um papel importante na socialização dos jovens, e percebe-se que há uma grande pressão para o indivíduo encaixar-se no coletivo. Os valores mais fortes são a popularidade nos círculos sociais, possessão de roupas de marca, interesse em contacto com o gênero oposto, sucesso em futebol ou, em alguns casos, priorização de um lucro rápido e ilegal. Por esta mentalidade coletiva, é perceptível que ser um bom aluno é um motivo forte o suficiente para excluir tal indivíduo de um coletivo e fazê-lo sujeito à intimidação ou violência por outros.

No conto “Loira do Banheiro”, de Geovani Martins, inserida na coletânea de contos *O sol na cabeça*, descreve-se o medo de ser excluído do coletivo, quando um jovem rapaz tem vergonha de levar para uma nova escola uma lapiseira bonita que sua mãe comprou para ele, pois prevê que ele seria imediatamente julgado e excluído. Na escola, o coletivo submete-o a um teste brutal no banheiro, em que um aluno já havia morrido, e sob a pressão ele faz com muita angústia o que lhe é ordenado. Mostra-se no conto que o valor que os alunos dão à educação é posto de lado, uma vez que a pressão colectiva visa encaixar, que custe o que custar.

Uma abordagem diferente é perceptível no romance *Fiel*, de Jessé Andarilho. Ainda que se observe uma desvalorização geral da educação, o protagonista destrói todos os preconceitos e imagens de um aluno da favela. Ele é um excelente estudante, amado tanto no coletivo quanto por seus professores, com um futuro promissor, no sentido de sair da comunidade e encontrar um lugar na sociedade. Entretanto, como vimos no capítulo anterior, o risco de envolvimento com o crime é sempre uma ameaça, e assim a vida do protagonista toma uma nova direcção, deixando para trás o seu potencial depois que ele assume o controle da favela.

O último livro de nossa análise, *O livreiro do Alemão*, de Otávio Júnior, traz uma outra perspectiva sobre a educação. Nara a própria história do autor que, enquanto criança, encontrou um livro numa lixeira na comunidade, onde o Estado não assegura o serviço de limpeza, e a partir daí começou a desenvolver o amor pela leitura. Ao longo de suas histórias podemos compreender seus sentimentos de alienação e o julgamento que ele recebeu de seus colegas, mas isso não o impediu de continuar a estudar. Pelo contrário, Otávio compreendeu a importância do conhecimento e do acesso à educação, que pode dar sentido às vidas das pessoas, pode afastá-las do envolvimento com o crime e da decadência, muito comum na favela. Por este motivo e por causa da falha do governo em assegurar a educação nos bairros populares, ele iniciou muitas atividades auto-sustentáveis na comunidade, para dar acesso a livros e leitura às crianças e difundir o amor pelo conhecimento entre elas.

Percebe-se que, nestes três livros periféricos, a educação é tratada com certa ambiguidade. Por um lado, em todas as três obras analisadas demonstra-se a percepção de que o conhecimento abre as portas a outras realidades. Porém, sempre há muito presente o lado contrário, que são a pressão do coletivo ou a visão de um lucro fácil. Em vários casos, estes são os fatores que influenciam as decisões que depois determinam a vida destes jovens.

3.4.5 Uso de uma linguagem específica

O emprego da linguagem típica para as zonas periféricas é um dos traços mais marcantes da literatura marginal. Nos livros selecionados podemos observar uma variação da linguagem coloquial e do baixo calão. Percebe-se que em muitos casos os termos e as expressões usadas no contexto periférico, que penetram nessas obras, são empregados de maneira distinta do que acontece na "literatura legítima", que “circunscreve um espaço privilegiado de expressão, que corresponde aos modos de manifestação de alguns grupos, não de outros.” (Dalcastagne, 2008, p. 81). Através desta linguagem informal, oferece-se certa forma identificação ao leitor da periferia ou uma aproximação à periferia ao leitor de fora. Nesse sentido, segundo Schollhammer (2009), a literatura marginal criou uma espécie de:

Neodocumentarismo popular, baseado na prosa testemunhal, autobiográfica e confessional, muitas vezes dando voz a sobreviventes dos infernos institucionais do Brasil, e que se estabelece na zona cinza entre ficção e documentarismo, capaz de conquistar uma fatia significativa do novo mercado editorial (Schollhammer, 2009, p. 98).

Entre as obras selecionadas, a narrativa com a representação mais rica da fala das periferias seria a coletânea de contos *O sol na cabeça*, na qual o autor usou um calão tão autêntico, que um leitor nativo, que vive fora da realidade da favela, enfrentará dificuldades no entendimento de certas passagens. Ao contrário, o livro *O livreiro do Alemão* aproxima-se o mais à língua padrão; o objetivo principal do autor é aproximar a dificuldade de ser respeitado como escritor da periferia, assim como suas atividades de iniciar um movimento literário nas comunidades. No romance *Fiel* podemos observar também uma experimentação linguística. Enquanto as passagens que captam o discurso do narrador usam a língua padrão, no discurso direto, presente nos diálogos entre as personagens, observamos uma riqueza da língua coloquial, representativa das comunidades marginais, assim como o baixo calão do mundo do crime.

4 Conclusão

As inúmeras situações de opressão, em que as pessoas das classes populares vivem no seu cotidiano em periferias do Rio de Janeiro, acontecem por um conjunto de motivos. Os fatores dominantes, que contribuem para estas condições e para a conseqüente marginalização dessas camadas da sociedade são a pobreza, a violência urbana, a ignorância e a negação do Estado de dar alguma visibilidade a estas pessoas. É por causa disso que os movimentos culturais e a produção artística desempenham um papel insubstituível para o desenvolvimento e bem-estar das comunidades. De formas alternativas, através da criatividade os artistas encontram caminhos para dar visibilidade e voz às periferias, como também para iniciar uma forma de relacionar as margens sociais com o resto da cidade e principalmente para inserir as camadas populares na sociedade brasileira. Esses ativistas organizam várias atividades públicas e divulgam novas perspectivas sobre as ideias estereotipadas a respeito dos marginalizados, o que possibilita a construção das relações mais democráticas, e diminuição das injustiças.

O número de debates sobre a periferia, tanto no campo literário, como no social, tem aumentado. Podemos diferenciar dois grupos, que se interessam por esta temática: o primeiro grupo fala sobre os marginalizados em nome deles, a partir do ângulo de observador externo, enquanto o segundo grupo representa as vozes que provêm das camadas populares e, assim, representam a si mesmos. Geovani Martins, Jessé Andarilho e Otávio Júnior pertencem ao segundo grupo. Eles são vozes da periferia que relatam o espaço da periferia de dentro.

Enquanto uma obra marginal-periférica, o livro *O sol na cabeça*, de Geovani Martins, descreve contextos culturais que permeiam o locus social do autor. Os treze contos da coletânea representam uma reflexão original sobre o espaço urbano, que tem como objetivo mudar a perspectiva estereotipada do morro e do favelado na literatura brasileira. As narrativas do escritor carioca são ficcionais, com algumas inspirações nas vivências do próprio autor e de seus conhecidos. As narrativas espelham sua visão da realidade de cada uma das personagens, que têm, por sua vez, personalidades distintas uma das outras. Em sua maioria, os protagonistas são jovens ou crianças da idade escolar com histórias diferentes, que têm em comum o pertencimento à margem social, o espaço que ocupam e os problemas inerentes a estes lugares. Assim, o protagonismo é atribuído aos sujeitos periféricos e atua pela democratização dos espaços prejudicados. O Rio de Janeiro, mesmo sendo um espaço de repressão, violência e conflito, também se efetiva como lugar de

resistência contra tais problemas. Em alguns dos contos, a cidade é representada pela fusão da periferia, do centro e de outros lugares não-marginais da urbe. Além disso, o autor vai além do contexto urbano, e, em um dos contos, as personalidades desfavorecidas deslocam-se às praias do Arraial do Cabo, um destino de férias dos brasileiros, situado no norte do estado do Rio de Janeiro, enfrentando dificuldades, apesar de estarem longe da urbe. Na descrição da periferia e dos periféricos, observa-se uma realidade conflituosa e caótica. Em *O sol na cabeça*, percebe-se que as pessoas validam suas existências também pela ocupação dos espaços públicos, onde estes locais empenham uma função social importante. Como objetivo de aproximar mais fielmente a realidade das periferias, a oralidade dos habitantes das comunidades desempenha um papel importante na obra do autor. Geovani Martins desconstrói a linguagem literária padrão, modificando a estrutura dos enunciados, introduzindo um novo léxico, único e original, com o fim de expôr uma nova experiência de leitura aos leitores.

O romance *Fiel* tem como seu objetivo principal interrelacionar diferentes temáticas ao preconceito social relativamente aos grupos marginais que as mídias distribuem, com a intenção de quebrar esses estereótipos julgados pelas pessoas “de fora”. O autor escolheu a favela como centro da sua narrativa, local sempre minimizado no contexto da urbe moderna. Esta vez, a favela vai agir como o locus social a favor da imposição dos marginalizados na sociedade. O romance, além de captar a realidade, tem como objetivo a exploração, inspiração e reinvenção dos sujeitos desses locais. Ao contrário à imagem da periferia, a metrópole retratada no livro é um lugar de comércio, corrupção, com instituições ineficientes. Um traço do livro que cabe dentro da postura do movimento periférico é o discurso que o autor proporciona às personagens, que transmitem ideologias humanitárias e coletivas com sentidos de esperança num melhor futuro para a comunidade de Antares.

A narrativa observa o cotidiano da periferia na capital carioca e seus habitantes marginais de forma atenta e crítica, às vezes cínica. Com ironia e referências aos problemas atuais, dá olhar às intervenções militares, instalações policiais, golpes políticos, corrupção e abuso do poder por aqueles que comandam o país. Assim, a obra pode ser considerada uma crítica aberta contra o governo e sua política segregacional. A violência retratada no livro é principalmente ligada às “leis de favela”, como, por exemplo, nos momentos quando o protagonista age de forma violenta e mata pessoas para que mantenha ordem e paz na comunidade. Além disso, nota-se uma crítica ao Estado em relação à violência, nas partes

do livro que retratam as invasões policiais na favela durante as quais são massacrados os bandidos a fim de “trazer paz” ao lugar. Todavia, o objetivo real desta intervenção policial é receber verbas ou comissão dos lucros do tráfico, que deve servir como prevenção de outras intervenções sangrentas organizadas pela milícia policial. Enfim, na sua recriação do espaço social da periferia, o autor tem a intenção de provocar no leitor reflexão sobre várias questões e suscitar debates em relação às temáticas e críticas apresentadas no livro.

A obra *O Livreiro do Alemão* permitiu ter uma compreensão mais aprofundada acerca da biografia do escritor brasileiro Otávio Júnior. Nela foi possível observar que a leitura foi um elemento muito importante para o autor adentrar no mundo das letras e desenvolver um projeto de suma importância, para que as crianças das comunidades do Rio de Janeiro tivessem acesso à leitura, podendo, dessa forma, mudar de vida e não entrar para o mundo da criminalidade, que é bastante presente nesse espaço. O livro foi assim escrito por um autor que cresceu em uma região de periferia e assim conseguiu presenciar em sua própria pele como é a realidade de uma favela, suas dificuldades e oportunidades limitadas. Trata-se de um livro curto mas bastante rico em seu conteúdo, apresentando ao leitor de forma fidedigna alguns acontecimentos muito comuns nas favelas do Rio de Janeiro. O autor nele emprega uma linguagem mais informal, usando expressões e gírias próprias desse meio. Ele possibilita que o leitor consiga compreender como de fato é a vida em uma comunidade periférica do Rio de Janeiro, e aproxima-lhe o movimento da produção periférica, despertando nele o interesse por outras obras.

Por fim, os três autores, artistas-cidadãos, não somente servem com suas obras, que retratam favelas cariocas, às suas comunidades, mas também à cidade do Rio de Janeiro e ao país todo, oferecendo um modelo de identificação para todas as pessoas afetadas pelo sistema caótico, que se possam reconhecer nas histórias. Martins é um dos principais representantes jovens do fenômeno literário da literatura marginal, que é discutido a nível internacional, abrindo debate sobre a problemática das periferias urbanas no Brasil e fora do país. Andarilho e Júnior atuam em movimentos sociais, apóiam publicações oriundas de espaços periféricos e dedicam-se à distribuição da literatura nas periferias. Andarilho fundou e comanda o sarau de poesia, slam e rap chamado *MargiNow*, enquanto Junior é um ativista social de inúmeros projetos, um deles sendo projeto *Ler é 10*, que recebeu repercussão nacional, além de diversos prêmios. Semelhantemente à produção dos porta-vozes da arte da periferia de São Paulo, esses autores cariocas também sinalizam a reivindicação de uma

tradição literária “às margens”, inserida na realidade por eles vivida na capital carioca, lutando nas bordas do campo literário.

Pensar literatura marginal vai muito além da literatura que tematiza violência e desordem social. A produção literária marginal faz parte do movimento periférico que é muito diverso, junta interesses sociais, culturais, literários e políticos, em que cada participante tem uma multiplicidade de visões e perspectivas. Neste aspecto, o movimento não é diferente da literatura em si, que desde sempre era o espaço de denúncia, combate e resistência. Para os escritores de periferia, é um desafio manter o “fazer literário” equilibrado com o “fazer político”, oferecer um retrato real dos locais periféricos e combater as imagens estereotipadas deles, transmitidas, por exemplo, na cinematografia.

Assim, verificamos que, além de São Paulo, também a cidade do Rio de Janeiro é uma metrópole com forte presença dos movimentos artísticos emergidos das margens sociais, que começaram a ocupar um espaço cultural notável na capital carioca, nos últimos anos. Essas iniciativas têm muito potencial criativo, inclusive, como verificamos nos capítulos anteriores, no campo literário, e algumas destas obras periféricas já foram publicadas por grandes editoras comerciais. O objetivo das atividades do movimento é serem reconhecidas no mercado cultural dominado por uma produção elitista em todo país. No entanto, de forma ainda inconclusa, podemos afirmar que esta exclusão está em mudança, assim como há cada vez mais abertura a discussões e eventos culturais organizados pelas camadas excluídas. As obras analisadas nesta tese também contribuem para iniciar um diálogo emancipatório sobre a inclusão da literatura marginal no campo cultural, oferecendo uma alternativa aos sistemas “anti-marginais” existentes na sociedade brasileira.

Referências bibliográficas

Andarilho, Jessé. 2014. *Fiel*. Companhia das Letras. Kindle Edition.

Andarilho, Jessé. 2020. *Jessé Andarilho, a escrita, a cultura e o território*/ Jessé Andarilho; organização Marcus Faustini ; comentadores Julio Ludemir, Rossi Alves, Isabel Diegues. 1. Ed. Rio de Janeiro: Cobogó.

Aline Eble, Taís, and Adolfo Ramos Lamar. 2015. *A Literatura Marginal/Periférica: Cultura Híbrida, Contra-Hegemônica E A Identidade Cultural Periférica. Especiaria - Cadernos De Ciências Humanas*. 16 (27): p. 193-212.

Bagno, Marcos. 1999. *Preconceito lingüístico: o que é, como se faz*. São Paulo, Brasil. Editora Loyola.

Bagno, Marcos. 2003. *A norma oculta: língua e poder na sociedade brasileira*. São Paulo:Parábola. Editorial.

Cerqueira, Daniel. 2021. *Atlas da Violência 2021*. São Paulo: FBSP.

Durkheim, E. 2002. *As regras do método sociológico*.ed. 17. São Paulo: Companhia Editora Nacional.

Bloom, Harold. 2001. *Como e por que ler*. Editoração Eletrônica Abreu's System Ltda.

Botton, André Natã Mello. 2018. *A Representação Da Favela Nos Contos De O Sol Na Cabeça, de Geovani Martins*. Abralic, São Paulo.

Botton, André Natã Mello. 2019. *Realismo E Violência Em Romances Da Literatura Marginal-Periférica Brasileira: A Representação Da Favela*. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Bottino, C. (2016). *Quem descobriu a favela?: a trajetória das agências de turismo nas favelas cariocas*. FGV – Fundação Getúlio Vargas. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/FGV_1bb3d0bfdb043737fb4d57e3dbd1bd97. (acessado 04.02.2022)

Brandileione, A. P. F. N.; Martins, M. L. N. 2018. “Vozes sobre a literatura periférica: A recepção crítica das edições da Caros Amigos “Literatura marginal - A cultura da periferia”. Revista Crioula, [S. l.], n. 21, p. 67-84. DOI: 10.11606/issn.1981-7169.crioula.2018.143163. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/crioula/article/view/143163>. (acessado 08.03.2022)

Brandileone, Ana Paula Franco Nóbile. 2021. “A identidade marginal periférica em o sol na cabeça, de Geovani Martins”. Scripta Uniandrade, v. 19, n. 1, p. 26-44.

Candido, Antonio. 1995. *O direito à literatura*. In: Candido, Antonio. Vários escritos. São Paulo: Duas Cidades.

Consentino Ferreira da Silva, M. (2019). *Vista da Reforma Urbana Pereira Passos: resistências de uma população excluída*. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/revcienso/article/view/20054/97149>. (acessado 04.02.2022)

Dalcastagné, Regina. 2007. *A auto-representação de grupos marginalizados: tensões e estratégias na narrativa contemporânea*. Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 42, n. 4.

Delcastagné, Regina. 2008. *Vozes nas sombras: representação e legitimidade na narrativa contemporânea*. In: _____. (Org.). *Ver e imaginar o outro: alteridade, desigualdade, violência na literatura brasileira contemporânea*. Vinhedo: Horizonte.

Delcastagné, Regina. 2012. *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*. Vinhedo: Editora Horizonte; Rio de Janeiro: Editora da UERJ.

Ferréz. 2000. *Capão Pecado*. 2ªed.-São Paulo-Labortexto Editorial.

Ferréz. 2005. *Terrorismo literário*. In: FERRÉZ (org.). *Literatura marginal: talentos da escrita periférica*. São Paulo: Agir.

Fernandes, T. M.; Costa, R. G. 2009. *Histórias de pessoas e lugares: memórias das comunidades de Manguinhos*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/kprj8/pdf/fernandes-9788575416020.pdf>. (acessado 15.02.2022)

Franco, M 2018. *UPP – A redução da favela a três letras: Uma Análise Da Política De Segurança Pública Do Estado Do Rio De Janeiro*. São Paulo: n-1 edições.

Gili, S. 2016. “Fiel, de Jessé Andarilho: um exercício para pensar a literatura marginal”. In: XV Encontro da ABRALIC, 2017, Rio de Janeiro, R.J.. Anais Eletrônicos do XV Encontro da ABRALIC - 19 a 23 de setembro de 2016. Rio de Janeiro: Dialogarts.

Gonçalves, R. S. 2020. “Censos e favelas cariocas: evolução de um conceito censitário”. *Estudos De Cultura Material*, An. mus. paul. 28, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/anaismp/a/db8N3ZWTPjX87r98mYTqjQj/?lang=pt#> . (acessado 06.02.2022)

Guimarães, Alberto Passos. 1953. *As favelas do Distrito Federal*. *Revista Brasileira de Estatística*, nº 55.

Hollanda, Heloísa Buarque de. 2004. “O Declínio Do Efeito “Cidade Partida””. *Revista Cariquice* 1 (1). Disponível em: <https://static1.squarespace.com/static/5bcd01c69d414940eeb23b24/t/5c9cc54271c10bc30461221d/1553777986813/o+decl%C3%ADnio+do+efeito+cidade+partida-artigo.pdf>. (acessado 10.03.2022)

Júnior, Otávio. 2011. *O livreiro do alemão*. São Paulo: Panda Books.

Lopes Bittencourt, Danielle. 2012. "O Morro É Do Povo": *Memórias E Experiências De Mobilização Em Favelas Cariocas*. 4th ed. Niterói: Universidade Federal Fluminense.

Ludmer, Josefina. 2013. *Aqui América latina: uma especulação*. Tradução Rômulo Monte Alto. Belo Horizonte: Editora UFMG.

Maia, João Roberto. 2021. “Armas para continuar o jogo: “Esprial” de Geovani Martins”. *Revista Terceira Margem* 25 (45): 174.

Martins, Geovani. 2018. *O sol na cabeça*. São Paulo: Companhia das Letras.

Mello, Jorge MHP. 1997. *Análise dos dados de mortalidade*. *Rev Saúde Pública* 1997;31 4 Supl:5-25.

Michaud, Yves. 1989. *A violência*. São Paulo: Atica.

Monteiro, Vanessa Sattamini Varão. 2009. *Camudos: Guerras De Memória*. *Mosaico* 1 (1): 1-2. doi:10.12660/rm.v1n1.2009.62778.

Nogueira, Felipe Bier. 2022. "O Sol Na Cabeça", *O Fantasma Da Tradição*. p. 3-4. Disponível em: https://www.academia.edu/40580020/_O_sol_na_cabe%C3%A7a_o_fantasma_da_tradi%C3%A7%C3%A3o.

Pimentel, Célia de Oliveira. 2006. *Oralidade na escrita. Erro?* Castro, PR.

Pimentel, Davi Andrade. 2020. "O sol na cabeça, de Geovani Martins: a literatura do morro". Eixo Roda, Belo Horizonte, v. 29, n. 2, p. 252-273. Disponível em: http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/o_eixo_ea_roda/article/view/15771/1125613224. (acessado 28.04.2022)

Pandolfi, D. C.; Grynszpan, M. 2003. *A favela fala*. Rio de Janeiro: FGV Editora.

Peçanha do Nascimento, Érica. 2006. " *Literatura Marginal*": *Os Escritores Da Periferia Entram Em Cena*". Universidade de São Paulo.

Pereira Rosa, Nicolas, Manoela de Quadros de Paula Guedes, and Maria Alzira Leite. 2012. "A Literatura Marginal Periférica E O Cânone Literário". *Navegações* 12 (3): 2-9.

Reyes, Alejandro. 2011. " *Vozes dos porões: a literatura periférica/marginal do Brasil*". Rio de Janeiro: Aeroplano Editora.

Reis de Sena, Fernando. 2018. *A cidade do romance, o romance da cidade: Cartografias Urbanas Em Fiel, De Jessé Andarilho*. Universidade Estadual de Santa Cruz.

Ronco, A. P.; Leão, O. R. 2018. "Origem e expansão das favelas na cidade do Rio de Janeiro: processo histórico e cenário socioambiental". v. 23 n. 46: *Revista Augustus*. <https://revistas.unisuam.edu.br/index.php/revistaaugustus/article/view/154>. (acessado 07.02.2022)

Salgado, Marcus Rogério. 2017. *Experiência Urbana e Romance De Formação Na Contemporaneidade: Um Estudo Analítico De Fiel, De Jessé Andarilho*. *Anima Educação*. Disponível em: https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/Critica_Cultural/article/view/4026/pdf. (acessado 17.05.2022)

Schollhamer, Karl Erik. 2000. “Os cenários urbanos da violência na literatura brasileira.” In: Pereira, Carlos Alberto Messeder [et al.](org). *Linguagens da violência*. Rio de Janeiro: Rocco.

Schollhammer, Karl Erik. 2011. *Ficção brasileira contemporânea*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Spiviak, Gayatry. 2010. *Pode o subalterno falar?* Trad. Sandra Regina Goulart Almeida. Belo Horizonte: Editora UFMG.

Toledo, B. B. 2018. *A formação das favelas na cidade do Rio de Janeiro: uma análise baseada na segregação populacional e exclusão social*. Anais do 16º Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social. Vitória. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/abepss/article/view/22211>. (acessado 06.02.2022)

Valladares, L. P. 2005. *A invenção da favela: do mito de origem a favela.com*. Rio de Janeiro: Editora FGV.

Vasconcelos, Fabíola Cordeiro de; Ramos, Fabiana. 2021. “Da minha janela: um olhar para o livro ilustrado infantil e sua leitura”. Revista Leia Escola vol. 21 n. 1.

Wieviorka, Michel. 1997. “O novo paradigma da violência”. *Tempo Social; Rev. Sociol. USP*, S. Paulo, 9 (1): 5-41.

Recursos online

Amaro, Vagner. 2018. "*Jessé Andarilho: A Literatura Em Movimento*". *Biblio*. Disponível em: <https://biblio.info/jesse-andarilho/>. (acessado 17.05.2022)

Época. *Geovani Martins: como a favela me fez escritor*. 2018. Disponível em: <https://epoca.globo.com/cultura/noticia/2018/03/geovani-martins-como-favela-me-fezescritoe.html>. (acessado 21.05.2022)

FBSP. 2019. *Fórum brasileiro de segurança pública. Anuário brasileiro de segurança pública 2019*. [S. l.: s. n.].

Gazeta do Povo. 2016. *O livreiro do Alemão apresenta a literatura ao morro e o morro ao Brasil*. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/caderno-g/literatura/o-livreiro-do-alemao-apresenta-a-literatura-ao-morro-e-o-morro-ao-brasil-e3r6k5mcw5zftm6u46s8bytsk/>. (acessado 10.05.2022)

História E Memória De Vigário Geral – Conexão UFRJ. 2008. *Conexao.Ufrj.Br*. <https://conexao.ufrj.br/2008/07/historia-e-memoria-de-vigario-geral/>.

Leite, Eleilson. 2020. *Literatura Periférica, Borbulhante E Singular - Outras Palavras*. *Outras Palavras*. Disponível em: <https://outraspalavras.net/poeticas/literatura-periferica-borbulhante-e-singular/>. (acessado 10.03.2022)

Lima et al., A. L. S. 2021. *Covid-19 nas favelas: cartografia das desigualdades. Os impactos sociais da Covid-19 no Brasil: populações vulnerabilizadas e respostas à pandemia* [online]. Rio de Janeiro: Observatório Covid 19; *Editora FIOCRUZ*, 2021, pp. 111-121. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/r3hc2/11>. (acessado 12.02.2022)

MargiNow. [Jessé Andarilho]. Facebook. Disponível em: <https://goo.gl/tJ0m4x>. (acessado 08.05.2022)

Redação (MN). 2020. "Editora Cobogó Lança Coleção Sobre Artistas-Ativistas Da Periferia". *Mundo Negro*. Disponível em: <https://mundonegro.inf.br/editora-cobogo-lanca-colecao-sobre-artistas-ativistas-da-periferia/>. (acessado 10.05.2022)

Rio de Janeiro. História das comunidades. Disponível em: <https://goo.gl/YcMCQS>. (acessado 03.03.2022)

Seldin, Claudia, and Gabriella Ledo. 2017. *Uma Breve História Do Rio De Janeiro Através Da Literatura: Representações E Novos Espaços*. *Anpur.Org.Br*. Disponível em: http://anpur.org.br/xviienanpur/principal/publicacoes/XVII.ENANPUR_Anais/ST_Sessoes_Tematicas/ST%207/ST%207.5/ST%207.5-04.pdf. (acessado 10.02.2022)

Silva, Michel. 2022. *11 Livros Escritos Por Moradores De Favelas Do Rio Sobre Variados Assuntos*. *Favela Em Pauta*. Disponível em: <https://favelaempauta.com/11-livros-escritos-por-moradores-de-favelas-do-rio-sobre-varios-assuntos/>. (acessado 23.03.2022)

Anotação em português

Autor: Bc. Caissa Enkt

Título da tese: A literatura marginalizada emergida nas favelas do Rio de Janeiro

Orientador da tese: PhDr. Zuzana Burianová, Ph.D.

Número de caracteres: 147615

Número de anexos: 0

Número de referências bibliográficas: 63

Palavras-chave: literatura marginal, literatura periférica, literatura contemporânea, favela, Rio de Janeiro, Geovani Martins, Jessé Andarilho, Otávio Júnior

Caracterização breve da tese: Esta tese de mestrado centra-se na introdução de um novo fenómeno na literatura brasileira, em particular, a produção literária das periferias, com enfoque nos autores oriundos das favelas do Rio de Janeiro. A primeira parte da tese delinea as origens históricas e a evolução destas favelas, incluindo a situação actual. Na segunda parte da tese, o desenvolvimento da literatura periférica brasileira é apresentado numa ordem cronológica, começando com as primeiras menções sobre as favelas e os ambientes marginalizados desde o romantismo, terminando na década de 1990, quando estes ambientes começaram a desenvolver-se à sua forma actual. Em seguida, esta literatura periférica é definida, caracterizada e comparada com o cânone literário. Além disso, são apresentados os autores brasileiros contemporâneos mais importantes das periferias, com um enfoque na produção marginalizada da cidade do Rio de Janeiro. A parte principal da tese apresenta e analisa três obras-chave de três escritores de periferias diferentes da capital carioca. Finalmente, estas obras são comparadas e as suas características comuns são resumidas.

Annotation in English

Author: Bc. Caissa Enkt

Title: Marginalised literature emerged in the slums of Rio de Janeiro

Supervisor: PhDr. Zuzana Burianová, Ph.D.

Number of characters: 147615

Number of annexes: 0

Number of bibliographic references: 63

Keywords: marginal literature, peripheric literature, contemporary literature, favela, slum, Rio de Janeiro, Geovani Martins, Jessé Andarilho, Otávio Júnior

Brief characterization of the thesis: This master's thesis aims to introduce a new phenomenon in Brazilian literature, in particular, the literary production from the urban peripheries, with a focus on authors originating from the favelas of Rio de Janeiro. The first part of the thesis outlines the historical origins and evolution of these slums, including the current situation. In the second part of the thesis, the development of Brazilian peripheral literature is presented in a chronological order, beginning with the first mentions of favelas and marginalised environments during the romanticist period and ending in the 1990s, when these environments began to develop into their present form. In the next step, this peripheral literature is defined, characterised and compared with the literary canon. In addition, the most important contemporary Brazilian authors from the peripheries are presented, with a focus on marginalised production in the city of Rio de Janeiro. The main part of the thesis then presents and analyses three key works by three writers from different peripheries of Rio de Janeiro. Finally, these works are compared and their common features are summarised.